

Nam ey por perda esta leue,
 Que sejaõ palauras tudo,
 Mas ao coraçam acudo,
 Senão dizei quem se atreue
 Aa dor esperala mudo?
 São ellas porem já muitas,
 Felas ir crescendo a magoa,
 Lembrovos as vossas fruitas,
 Lembrovos as vossas truitas,
 Que andaõ ja por vossas nagoa.



CARTA VI

Aa maneira Italiana, a dom Fernando de Me-
 neses, em reposta do que lhe escre-
 ueo de Seuilha.



Vadalquibir arriba, a rica praya
 Que vistes, os perigos, & armadilhas,
 De que escreueis, ouuindo homẽ desmaya.
 Vistes nũa Seuilha mil Senilhas,

Guardese da fortuna, & dos reueses,
 Que assi creceo co este ouro das Antilhas.

Senhor meu dom Fernando de Meneses,

Eu vi Roma, Veneza, & vi Milão,

Em tempo d'Esphanhoes, & de Franceses.

Camacho
 Epistola X

149

Os jardins de Valença d' Aragão,
 Em q' amor viue & reina, & forças ganha,
 Por onde tantas rebuçadas vão.

Mas isso (assi direi) mais ja parece

A coua da Sibila sobterrãha,

Onde a vida em prazer desaparece.

Se cousa he pera crer, & não patranha,

Mas isso, (assi não fosse elle verdade)

Como he, sabei que amor vsa de manha.

Spreita onde vê rica ociosidade,

Hi enaruora bandeira, solta a vãa

Desenfreada prodigalidade.

Amiga das leis sanctas, & da saã

Da boa temperança, & vida pura,

Mas dessa Seuilhana amada irmãa.

Aquelles sam seus parques, hi assegurã

(Eu digo amor) o seu estado & Cortes,

Ali he grã senhor, dure o que dura,

Por hi passeia, & vay a seus deportes,

Viue ali Salamandra no seu fogo,

Que a elle vida dà, aos seus mil mortes.

Minino & cego (o risos) fuge logo

A doce liberdade, & nunca mais

Em quanto o sente hi, torna, nem em jogo.

Mas tornemos às nouas que me daes

Ref. Poesie p. 41

Marion

p. 65

Avã maravilha

Um cavallero en Sicilia

En nome de macedo

Handwritten marginal notes on the left side of the page, including the name 'Saa de Miranda' and other illegible scribbles.

As obras de

Das senhoras, & das casas, & das sedas,
Pedraria que cega os auençaes.

Per onde correm todas as moedas,

As d'ouro poderoso, & prata fina,

Em ricas praças ricas almoedas.

Tr. de Pa Quem vem a estar aos lanços, desatina

Aprimeira aventura he a do siso

Que logo perde, tudo â banda inclina.

Ali sospiros, ali o brando auiso,

As boas manhas todas quantas sam,

Nobreza, parecer, he tudo bum riso.

Vendendo ellas o seu tanto ao pregão,

Cousas que se achão nas tendas por nada,

F. de Pa Regateiras crueis, por quanto as dão?

Mas que cegueira tão acostumada!

Em todo estado, toda lei, & idade,

Quẽ mais leua na bolsa, esse arrecada.

Não falemos naquella infirmitade

Dos seus priuados, que he como se acerta,

Por appetites sôs, & liuiandade.

Onde pòr não se pode regra certa,

Sòmente assi lhe apraz, a quem se obriga

Dos cutros & cadabum como se offerta.

Quem o crerã? que nisto a gente antiga

Que tanto vio, vio pouco, do costume

Cega,

Cega, & desta baixa humana ligã.
Despois coa melhor lei, entrou mais lume
Suspirouse milhor, veo outra gente
De que Petrarca fez tão rico ordume.

converte. Questão (moleza)
nomini d'italico
lame rde lo par
Kare italico et
precioso quello
di Proenza.

Eu digo os Proençaes, de que ao presente
Inda rithmas ouuimos que entoarão
As Musas delicadas altamente.

D. Diniz -
Recebe

Aquelles Dantes, que versos danarão,
Perdoem, ah que o digo vergonhoso,
Com doo de bõs engenhos que enganarão.

Brage & Orestes
Vestir d'Alb

Todavia Xenocrates famoso
Sabio rindo de Lais, por quem se chama
O porto de Corintho perigoso,

Xenocrates
Lais
D. oannes
Lais
Diniz

Vinhão de toda parte ali por fama
Da sua fermosura; elle foi tal

Grav. Tei.
O' rartos avdgos
Es Kogerov

Que vencedor ficou, vencida a dama.
E mais sendo o perdão assi geral

Es o' o' π'hou
Non cuivos

Naquelle tempo, a todos tanto a vsança
A dar culpa & desculpa, pode & val.

Non cuivos
homini contingat
adire Corinthum

Porem dũa tamanha confiança

De si, & coa virtude, taes amores.
(Qu' m soo seja aqui dito em abastança.)

de d. a coa virtude
non so v'v'v'v'

Enxamea este mundo, & da das flores
Como lhe apraz à grande natureza,
Dos santos não me meto em seus louvores.

non so v'v'v'v'
Tropum
v'v'v'v'v'v'
v'v'v'v'v'v'
v'v'v'v'v'v'

Mencões
de P. de
ch. IV

Gellius

I 8, 3

T. Horat

Epist. 1

Progenes

capit. 1

linse 5

betulanna

As obras de

Que não se atreue a tanto esta rudeza
Do baixo estillo, & minha fraca vea,
Qu'entêdo, & não m'engana sua pobreza.
Ora soes ja na Corte, onde se atea
Pera vos outra chama, outras contêdas,
Outra prisam mais nobre, outra cadea,
Digna de vos, não tem a chaue as rendas,
Nam negoceações, que isso seria
Tirar o poder a amor, dalo às fazêdas.
Amor he senhor grande, & não se guia
Por interesses vis, dar & tomar,
Amor noites não tem, que todo he dia.
Amor que nunca sabe atras olhar,
Que nam sabe pòr nodos de sospeitas,
Na fê, não em querer, nem duuidar:
Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos às tardes nuuês raras,
Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Não traz contrafinaes, nem almanaras,
Não mãda escuitas fora, ali he paz boa,
Das fontes limpas, ^{claras} corrê agoas claras.
Quam longe do outro cego, que ao ar voa,
Todo desaffogos & queixumes,
Cudais q'his vêt' a popa, his vêt'o a proa.
Mandãno desconfianças & ciumes,

Hús

Madrid

Fr. de Port. Carta p. 22

Scarus

Franc. de Port.
Carta. 39.

Loguiz
hab
pouca
gofa

Hús nadas, que porem ferem d'agudo,
 Reina no pouo, guarda os seus costumes.
 Todo he palauras, estoutro casi he mudo,
 Ouçãose os corações, que ouuidos tem,
 Mais certos, & outros olhos q̄ v̄e tudo,
 E os peitos passam da banda dalem,
 Como o sol dando faz nũa vidraça,
 Os claros corações claros se vem.
 Verdade q̄ não daõ os tempos graça
 Tanta, como elles dauão no passado,
 Anda encolheita, não sae tanto à praça,
 Temese dum amigo apoderado
 Do tempo, q̄ os sonha India & Brasil,
 Tè que cadabum de lâ torne dourado.
 Lançounos a perder engenhos mil,
 E mil, este interesse que aja mal,
 Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
 Os momos, os seraos de Portugal,
 Tãõ falados no mundo, onde sam idos?
 E as graças temperadas do seu sal?
 Dos motes o primor, & altos sentidos,
 Os ditos delicados cortesaõs,
 Qu'he deilles? qu'ebes da somete ouuidos?
 Mas deixem de tratar os Aldeãos
 Da Corte, sempre foi, sempre será,

Intim

#

*2/2
50/1*

Francisco de V...
p. 4.

Bragã

As obras de

Trocãose os tempos, fogem dantre as mãos.
Não vedes quantas voltas o Sol da?

Ora aparece, ora desaparece,

Debaixo deste Ceo quedo que está?

O que ontem muito aprouue, oje aborrece.

As que agora erãõ faces, são ja enueses.

Nos poços sobe hum balde, o outro dece.

Porem (ò bom dom João o de Meneses,

E ò Manoel) que taes tempos lograstes,

Dous Condes nos amores tão corteses.

Vos dias, vos as noites suspirastes

Com tanto louhor vosso; Ind'eu ouui

Os queixumes finaes que ao ar soltastes.

Depois de fora parte, por aqui.

Se ouuem cantares; não dos naturaes,

Mas estrangeiros; j'eu cantára assi.

Ora outra vez a vos senhor que andaes

Naquella viua chama dessa idade,

De que os amores se apoderaõ mais.

Não me seja contado isto a vaydade,

Mas eu não vejo ca cousa mundana,

Que tanto suba sobre a humanidade.

Quem cuidando sera por força humana,

Com que tão altamente a alma se escorã,

Que esperança nem medo a nam abana.

Alcãse

1.º Rexende
Liv. 135

Copy

1.º

1.º Conde
1514

110

Francisco de Paula
6.6
 Alcase o tempo, & vay de foz em fora,

J. Gel Vicente
1781

Dos sentidos conuem todos se aliue,

E q̃ ouça, veja, & vna, hora por hora.

De tudo (que ja muito me detiue)

Faz a conta que faz de neuoa & vëto,

Passouse a corpo alheo, & ali se viue.

Buscou, & pos tão alto o fundamento,

Que por cousa nenhũa que aconteça,

O mesmo he no prazer, que no tormëto.

Hi se acaba o seu bem onde começa,

Faz com' aguia òs filhos, q̃ os engêita

S'a vista ò sol dalgũ vè qu' enfraqueça.

Assi toma aos cuidados conta estreita,

E aquelle que o seu bem claro não vè

Não he dos seus, nũ nada a cõt' he feita.

Ali se abraça sò co a sua fê,

Nella s'enuolue, nella se adormenta,

Que riqueza grandissim' aquell' he,

De q̃ outrẽ viuer possa, & ella o não senta.

Alto
elo??
 ELE.





ELEGIA.

A hũa Senhora muito lida, em nome de
hum seu seruidor.



Vidãdo em vosseñora, no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei cõ q̃ ousadia ante vos venho.
Por dô da natureza, posta encima
De todo o q̃ aqui vemos descuberto,
A que he tão necessaria vossa lima.

Ocações esperando, & algum acerto,

(Que tudo he cheo d'acontecimentos)

Quantos males passei quam incuberto:

As esperanças forã se cos ventos,

Iaa dias se eu tiuera vista algũa,

(Mas assi he bem que vão vaôs pensamentos.)

Senhora quanto sol & quanta lũa

Em quanto eu cuido & temo, se me vão

Viuendo triste sem vida nenhũa.

Cuidaua que valesse esta razão

A que tanto se da, val pouco em fim,

Nomes vistosos, que remedios não.

Comigo aos braços, a que estado vim:

Lidando noite & dia, elles quebrados

Hũs me mostrão ao dedo, outros sorrim. ||

São fogos como os que vemos pintados

Não chego adizer mais, digo o que posso;

Os d' alma saõ os viuos, & os calados.

Não sei como não vistes este vosso
 Spirito em tanto tempo: onde assi val
 Este nome de meu, & inda o de nosso
 E como tanto andaes cuidando em al,
 Que não vistes esta alma ha tantos dias
 Que a vos fò ve seu bem, tendeslho a mal.
 E não se vos mostrou por tantas vias,
 Tanta verdade, por esperiencia tanta,
 Apurada em taes fogos, & agonias.
 Aquella vista que a todos espanta,
 Aquelle entendimento tão porfundo,
 Não sei quem nisto o cega ou que o encanta,
 Hercules tão falado pelo mundo
 Quantos trabalhos venceo, mas adura
 Madrastra nem por isso sequebranta.
 Em fim veo no fogo, inda assegura.
 Seus olhos farta, & quanto ás immortaes
 Honras que se lhe deuem, torna escura.
 Juigão se as cousas pellos seus sinaes,
 Melhor que por palauras, que farei:
 Tudo me lembra, & tudo por de mais.
 Tirania cruel, aspera lei,
 Que assi quer o que quer, braua opinião
 Abasta, assi me apraz, assi mandei.
 Menosprezando de todo a razão
 Seja a culpa d' Amor que enuolue tudo
 Deixai chamar os seus por elle em vão.
 O duro, o brando, o sem fião, o se fudo,
 O velho com suas lagrimas piadofas
 O moço aos sobrefaltos branco & mudo.

Cavaleiro

Seneca,

Cruel

Milton

260 - 261

Juno dur o vulto

1.08.

Hora
 á segura
 2
 4

Hoff
 A. Meo
 11 of

Amor tem cheo d'armas victoriosas
Em padrões altos, tudo ao derredor,
Polas façanhas suas espantosas.
Poderoso, absoluto, & sò senhor,
Os Deoses tem os fados sobre si,
Liuremente o que quer sò pode Amor.
Os santos juramentos, ora assi
Ora assi feitos, passa em graça & riso,
Tè da lagoa sobterranea ri.
Não se pode falar estando em siso
Nas grandezas de amor, cumpre que este
O entendimento do corpo diuiso.
Aobaixo oliuel nosso, o que se vê
Tudo tambem he baixo: estes sentidos,
Leuemente enganados, não daõ fê.
Os remos na goa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue
De mãos, & assi se enganão os ouvidos.
Senhora bem sabeis o que se escreue
De dous pintores nobres a porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.
Fruitas pintou hum delles, que de dia
Vinhão aues comer, outro de hum veo
Pintado, fez que a sua obra encobria.
Vede quanto a arte pode, não valeo
Ali vista & saber, o veo de diante
Mandaua aleuantar o que perdeo.
Diz ledo o vencedor, Foste bastante.
A enganar aues? que victoria a minha
Enganando hum pintor tão posto auante!

Aquel-

A quelle leue Grego que hia & vinhã
Con tanta ligeireza, & tal feruor
Que os pees voauã, quedo o corpo tinha,
Quando cuidauão que auia de traspor,
Inda desse lugar não se mouera
De que esperaua merces & louuor.

El Rey Agefilao que não posera
Nisto cuidado mais, não disse então
Somente que iogral lhe parecera.

Ora tornando a tras, certo mais saõ
Os nossos olhos que os dos moregos
Que hũa couisa soo vem, as outras não.
Os seus thesouros, os ricos empregos
Alcançãose por forte grande & rara
Iazem em mui profundos & altos p'egos.

Tanto ha que canso me defempara,
O mesmo tempo, as forças desfalecem,
Ay quanto custa hũa esperança cara.

A algũs queixumes de fora parecem,
E tal vez o serã, s'ò a alma o sente,
E estes olhos coitados que amolecem.

Entre tanto que cuida a leue gente
Destes que vemos tantos a milhares
Regidos do s'ò caso & accidente.

Ondas q' aos ventos vão correndo os mares,
Andabatas que ferem às escuras
E sem certeza dão por esses ares.

Estas serião as desauenturas
Que Heraclito choraua em vida andãdo,
E Demócrito ria por locuras.

Com muitas outras que fazem grã bando,
 Però sempre hão de ser as principaes
 Dosque perdendo vaõse, outré buscãdo:
 Meus defatinos onde me leuaes?

Vadiamente assi (de monte em monte,

Ou (como dizem) por andurriaes?

Tomastesme jazendo á minha fonte,

O caminho não mingoa, átes mais crece,

Por muito que a razão clara desconte.

E não me abasta o mal que m'acontece,

(Qu'he tão em meu quinhão) inda a vergo

Que de mĩ & q̃ doutré me recrece.

(nha

Que sorte tão estranha de peçonha!

Ando em busca de mĩ não fei poronde,

Em quanto esta alma tresvalia, & sonha.

Aqui samente a yãa Ecco responde,

Que parece tambem q̃ and'ella embusca

Não fei per que cauernas se m'esconde.

Quãdo o mũdo esclarece, & quãdo è brusca,

Suspirando eu, suspira, ah crueldade,

Tambem dirá por mĩ, Este que busca?

Triste, que ja nam ando apos piedade,

Som em poder da dor, entendo o erro,

Entendo o danno, entendo a vaidade.

Sigo hũas sombras vãs, que nunca aferro,

De hũa fõ folha que atraueffa tremeo,

O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,

Por mĩ ja nada, por vos tudo temo.



Ao senhor Francisco de Sã de Mirãda,
Aa morte de seu filho Gonçalo Mendez de Sã.

ELEGIA.



Am chores, mas alegrate Elegia,
Força agora o costume, & natureza,
Inda que de chorares causa auia.
A parte vad onde ha nojo & tristeza,
Mas com auelle nojo, que he forçado,
Lunto está g. a prazer, grã fortaleza.
Veras bum pay, a quem o duro fado
Desemprou d'bũ filho, em q̃ esperaua
Ver seu nome nos ceos aleuantado.
Veras a mãe, que tanto o filho amaua,
Que partindo a sua alma pello meo,
Ametade lbe deu, a outra ficaua.
Dizendo, Filho viuirei em receo
Em quanto te não vir, & elle partido,
Eis que subitamente a morte veo.
Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bẽ não s'enxugauão,
Inda não tinbão delle nona ouuido.

As obras de

E a primeira noua que lhe dauão,
Era de morte, porem morte qual
Elle quis sempre: & a q̄ elles o mãdauão?
O primeiro accidente he natural,
Com este não poderão, q̄ òs mais fortes
Como aos mais fracos, soe ser igual.
Mas de que virão bem as iguaes sortes
Que nos outros cayrão, em si tornarão,
Vendo chorar a todos tãtas mortes.
As lagrimas alheas consolarão
As suas, que ja deixão de lançar,
Iãgora rim os olhos que chorarão.
Veras ambos jãgora taes estar,
Que por mais q̄ tu vas triste, & chorãdo,
Rindo t'hão de ver ja, rindo falar.
Começate jãgora ir espantando
Daquella fortaleza, com que o pay
Seu nojo tão cruel foi temperando.
N'alma o sentio soamente, que la vay
A verdadeira dor, mas não se ouuio
De sua boca algum sospiro, ou ay.
De pura dor a triste alma se abriu,
Mas acudio o siso, & a prudencia,
Com que aquelle aluoroço se encubrio.
Acudio à ferida igual paciencia,

Armou se contra a carne logo o sprito,
Esforçado do tempo, & experiencia.

Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Co aquelle coração prudente & forte,
Qual em seu rosto veras logo escrito,

Disse, Sabia que obrigado à morte

O gerei, & calouse: ô gloriosa

Voz, ô bem vinda, & bem ditosa sorte.

Eu vejo despedirse a tão ferosa

Purpurea alma do corpo, & ir voando,

Coroada de louro, & tão lustrosa.

Como bũa bella estrella, allumiando

Os ceos, & dando lume ca na terra,

Em que seu rayo està reuerberando.

Ô alma bem nacida, qu'em tal guerra

Ganhaste kũa tal vida, honra, & gloria,

Quem morte lhe chamar contra ti erra.

Teu vencimento foi tua victoria.

Teu sangue rico esmalte da tua alma,

Tua morte te deu vida & memoria.

Quam bem compraste aquella bella palma,

Com que estás la nos ceos fazendo enueja

A quem ca està temendo frio & calma.

Qualquelle serã, por mais que seja

De sua vida amigo, que não queira

Inagoragora
Lucretius
Laertius
L. 9.
p. 59.
Solen
Senophon

Quarta

o

a

Ser tu? & que tal morte não deseja?
 A todos está hũa ora derradeira
 Esperando, ha de vir, & ha de chegar,
 O quando, Deos o sabe, & a maneira.
 Pois ô que trabalho he sempre esperar
 Tão incerta certeza, mas mayor
 He della se esquecer, ou descuidar.
 E quem não querera de tal temor,
 De tal perigo, liure estar seguro,
 Com Deos em gloria, em fama câ, & louuor?
 Ditoso aquelle que do ferro duro
 Traspassado cahio, pois foi leuado
 Seu sprito onde está tão claro & puro.
 Ditosos paes de que foste geerado,
 (Glorioso mancebo) & boa estrella,
 Em que nasceste, & glorioso fado.
 Seguiste aquelle bem pera que t'ella
 Sempre inflâmou, & seguindo, o aliãçaste,
 E a coroa que ja vias nella.
 Mas ô estrella cruel, ja que mostraste
 Tão grande sprito ao mundo, por que asse
 Mostrado dantre nos logo o leuaste?
 Morte cruel, queixemonos de ti,
 Que sempre andas roubando o melhor q' ha,
 Sempre o ouui dizer, agora o cri.

Leuaralo em nacendo, ou pois que já
 Quiseste que o nós vissemos, quiseras
 Que delle nos lograramos mais cá.
 Não deras a seus paes tal dor, não deras
 Tamauba perda a quem delle esperava
 As cousas que tu nunca desfezeras.
 Par' elle sò a fortuna se guardava,
 Qu' enueja oueste morte à nossa terra,
 Qu' outro Marcello neste nos criaua;
 Aquelle fora outro rayo de guerra,
 Se os fados o deixaraõ, duros fados,
 Quem vos cuida fugir oh quanto erra.
 Mas estes dias seus seraõ contados
 Por muitos, & mui grandes, grãd' he a vida
 Dos que em virtude & hõra sam louuados,
 Aquella vida sò se diz perdida,
 Aquella sò deuia ser chorada,
 Aquella sò por triste & breue tida,
 Dos qu' em morrendo, assi fica apagada,
 Que memoria não deixa nem final
 Em testemunho da que lhe foi dada.
 Igual à d' hum bruto he tal vida, igual
 A d' bũa planta, ao pô, à sombra, ao vento,
 E a qualquer cousa, se a ha que menos val.
 Que de que vem que aqui morrendo cento,

Tu Marcello
 eras
 Papil
 tenes

Se falle mais de hum soo? por que viuia,
 E em bem morrer trazia o pensamento.
 Dos outros outra vida não se via,
 Senão dos corpos, a estes igualmente.
 A morte & vida os nomes lh'encubria.
 Vive teu nome claro, & excellente
 (Glorioso mancebo) & viuirá,
 Em quanto hi ouuer vida, & ouuer gente.
 Quuilo ha o Tejo, ouuilo hà
 O Indo, o Ganges, la sera escuitado
 O som que em ti teu pay leuantará.
 Dignamente seras delle cantado,
 E em todo mundo com prazer ouuido,
 Por elle mais glorioso, & enuejado.
 Muito de ti dirá, mas muito crido.
 Sera de ti, muitos desejarão.
 Tal nome ter, & tão bem merecido.
 Tambem as bellas Nymphas cantarão.
 As bellas Nymphas do Minho, & do Douro
 Teu nome, & a todo o mundo o leuarão.
 Alegres andão co cabello d'ouro.
 Ao vento solto, rindo, & não chorando,
 De palma coroadas, & de louro.
 Todas esta tua morte festejando,
 Como teu nacimiento festejarão,

Por isto que de tibião esperando.
 Para esta morte tua te criaraõ,
 Com ella estaõ agora tam contentes,
 Que mais agora te amaõ, do que amarãõ.
 Pois tu q̃ la nos ceos, ond'estã, sentes
 A gloria que la tês, & a que te damos,
 Porq̃ chorar por ti ninguem consentes,
 Estabe a causa porque não choramos
 Elegia, esta morte gloriosa,
 Mas vida gloriosa lhe chamamos.
 Por tanto tu nam triste, nem chorosa
 Mas rindo, vay alegre ver aquelles
 Pae & mãe seus, & a terra que ditosa
 Fizeraõ por tal causa sayr delles. —
 Emende.

Bejo as maos a v.m. Antonio Ferreira.



ELEGIA.

A Antonio Ferreira, em reposta da sua.

Esta branda Elegia, esta tão vossa,
 Quero dizer de tanto preço, & tal,
 Que vai fugindo ant'ella a neuoa grossa.

Bem vejo que era a empresa principal,
 Esta a que vinha, mas a dorrezente
 Tempo esperava, cura mais geeral.
 Quanto que áquella vea assi corrente
 Se deue! áquelle engenho própto, & raro,
 Que assi sente! assi diz tudo o que sente!
 E mais em tal fazem, tal tempo, auaro
 De lououros alheos, em grã danno
 Dos engenhos, que s'achão sem amparo.
 Vem hũ dando á cabeça, & ~~entra~~ vfanos,
 Coufas do seu bõ tẽpo, ardẽdo e chamas,
 Polas q̃ fez, todo al lhe he claro engano.
 Andaõse às razões frias polas ramas,
 Hum vilancete brando, ou seja hũ chiste,
 Letras ás inuencões, motes ás damas,
 Hũa pergunta escura, sparfa triste,
 Tudo bom, quem o nega? mas porque
 Se alguem descobre mais, se lhe resiste?
 E como, esta era a ajuda? esta a merce?
 (Deixemos ja as merces) este o bõ rosto?
 De menos custa em fim? q̃ este tal he?
 E logo aqui taõ perto com que gosto
 De todos, Boscaõ, Lasso, ergueraõ bãdo,
 Fizeraõ dia ja quasi sol posto.
 Ah que não tornaõ mais, vaõse cantando
 De valle em valle, de ar mais lumioso,
 E por outras ribeiras passeando.
 Tornemos ao defastre a nos choroso,
 Furtando m'hia a dor qu'inda ameaça
 Como hum parto ao fugir mais perigoso.

Não

Conta

J. Bernardes
 um modo triste

Amor
 Amor

Não ouso inda a fallar tanto de praça,
 Fallo com vosco como em puridade,
 Incerto do que diga, & do que faça.
 Quando mandei meu filho em tal idade
 A morrer polla fê, se así cumprisse,
 (Qu' esta era a verdadeira sua verdade,)
 Tu vas pello caminho agro (lhe disse)
 Que tu mesmo tomaste á tua conta;
 Sem perigos quem se acha que subisse?
 De tempo que así foge, que te monta
 Vint' annos, trinta mais? que môtaõ cêto?
 Ergueo a vista a mí alegre, & prompta:
 Suspirando por ser lá num momento,
 (Se se podesse) tão depressa os fados,
 Corriaõ (nomes vãos, sem fundamento.)
 Então o encarreguei destes cuidados,
 Deos, & logo honra; logo o capitão;
 112. Quam prestes a cûprir foit aes mādados!
 Parece que os leuou no coraçam,
 Não soltos por defora nos ouvidos,
 Como outros fazê, que perdêdoos vão.
 Do corpo aquelles espertos sentidos,
 Mais inda os d' alma tão limp' & tão pura;
 122. Ia agora os bõs desejos sam cumpridos.
 Vio onde a deixaria em paz segura,
 Depressa á occasiã arremeteo,
 Não quis mais esperar outra ventura.
 No dia do começo a conta encheo;
 Seguro vio a morte, espanto antigo,
 Nos sonhamos aqui, tu vas te ao ceo.

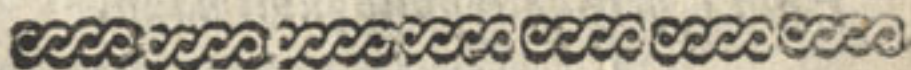
Ditofo a quelle Mestre, dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louuou
O filho, & deu ao corpo em mort' abrigo.
Er' ella conta igual, que quem entrou
Antes á vida, sayffe primeiro,
Eu sou que deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro, ante o throno alto do cordeiro
Lauado irás no teu sangue sem magoa,
Oo quem como era pae, fora parceiro.
A Paulo da fè nossa ardente fragoa,
Que pera o filho, o pae ponha é thesouro
Parece natural hum correr d'agoa.
Não assi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao grã mar se lança escuro,
Mondego, & Tejo das areas d'ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrádo & abrindo a maõ posto em segu
Não se vejaõ mais lagrimas aqui, (ro.
Saluo se por nõs forẽ, qu'em taes treuas,
E taõ cega prifam, deixaste assi.
Vaite à boa ora, nam tês de que deuas
Temer, la tudo he paz, tudo affossego,
Quem leua hum tal seguro, qual tu leuas:
Ditofo, que não viste de dor cego,
Por senhor hum imigo da tua lei
A tanta pressa, fora hum certo emprego.
Quantas graças meu Deos, quantas te dei,
Sabendo d'alma qu'era liure & viua,
Sem ella ao corpo de que temerei?

Sabia

Sabia a sua condiçam altiua,
 (Nesta sò parte) no mais, bráda, humana,
 Era para morrer, não ser catiua.
 A sepultura que os olhos engana,
 He leuissima perda, assi tambem
 He lodo, he terra, he pò, terra Africana.
 Que tam estreito mar antre si tem,
 Abila & Calpe, foi tempo, hum sòmente,
 Dous agora, hum daquem, outro d'alem.
 Nos quaes, duas colūnas pos defronte
 Hercules, qu'ali entrada ao grã mar deu.
 Falece autes quem crea, q̄ quem conte.
 Os Gregos no que escreuem, poem de seu
 As vezes muito, & ha quẽ diz q̄ chamadas
 Ia foraõ as colūnas de Briareu.

Acabemos nas bemauenturadas
 Almas subidas para sempre á luz,
 Sem treuas, rindo la dos nossos nada.
 Hum sò qu' em sangue aberta traz a Cruz
 Branca por armas, deu Deos á cidade,
 Milagre, que em sinães claros reluz.
 Rotas as armas, rota a humanidade
 Por muitas partes, Mouros a milhares,
 Morde se a enuej'ás mãos, ri se a verdade.
 Para as festas diuinas que lugares
 Tão claros, hi ganhastes polas lanças,
 Correndo ledos á tal gloria, a pares,
 Sem fim, sem sobresaltos, sem mudança.

Ao





Ao senhor Fráncisco de Sã de Miranda,
Iorge de MonteMayor S.



Ira es digna cosa (ò pluma mia)
Que os afineis, mostrando mis conceptos,
Con arte, ingenio, estilo, y melodia.
Conformense a la causa los effeitos,
Preuengan luego aqui la eterna mano,
Con terminos subtiles, y discretos.
No escriuo la grandeza d'Octauiano,
No los triumphos de Cesar, no la gloria
Qu'en cõquistar gano Alexãdre Magno.
No las pompas de Dario, no la bystoria
Del diuino Scipion, no la riqueza,
D' Antiocho, ni de Manlio la victoria.
No escriuo a Ciceron, qu'en subtileza
Con su pluma llego al summo grado,
Ni del Poeta heroico la binezza.
A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas, que siempre anda
En la Corte de Apollo sublimado.

A Francisco de Sà el de Miranda

Escriuo, aunque a mi ingenio le parece

Que a mas delo que puede se desmanda.

Y si a vos (pluma mia) os enflaquece

El temor de la empresa, en fin fortuna

En los mayores casos fauorece.

Estad ya sin temor de cosa alguna,

Que por baxo que sea nuestro estyllo,

La causa lo alçarà, qu'es qual ninguna.

Y pues mi ingenio veis que en esto afilo,

Qu'es sin comparacion, podeis creerme

Que Atropos no podra cortar me el hito.

En fin señor Illustre, be de meterme

So tu amparo y fauor, por sublimarme,

Y al mundo podre luego anteponerme.

Que pierdes de tu ingenio en leuantarme?

Ha de mēguar por dicha tu grã sciēcia?

Por la pequeña mia acresentarme?

Puedes perder de todos la obediencia?

Puedes perder que fama en todo el mūdo

Publique tu alto estyllo, y grã prudēcia?

Puedes dexar de ser el mas profundo

En sciencia, erudicion, q̄ alguno ha sido?

O tu ingenio podra hallar segundo?

No cierto, que tan alto te ha subido,

As obras de

Que te pierdo de vista, y no es possible
Poder dexar de ser lo que ha sido.
Pues luego claro está que te es possible
Hazerme rico amy, sin quedar pobre,
Que quien podra vencer al inuencible?
Haras que a poca costa tuya cobre
Tal arte, tal ingenio y fundamento,
Que oro buelua yo mi baxo cobre.
Doite cuenta de mi, que es argumento,
De me hazer tan tuyo como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.
De mi vida el discurso yo me obligo
A contartelo en breue, aunque mas breue
fortuna se mostro para conmigo.
Comigo se estrecho, y no se mueue
A me subir a mas que a vn cierto grado,
Y a me passar de alli, ya mas se atreue.
No en la studiosa Athenas fui criado,
Ni aun en la insigne y grande Babylonia,
Ni la superba Troya he passeado.
Ni en la justa y Real Lacedemouia,
Ni en la bellica Thebas, ni en Carthago.
Ni en la grande Paris, Sena, o Bolonia.
Ni en la triumphante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre y fuego,
Qu'en

Qu'en Africa, Asia, Europa, bizo estrago.

Riberas me crie del rio Mondego,

A do jamas sembro el fiero Marte,

D'el Rey Marsilio aca desassosiego.

De sciencia alli alcance muy poca parte,

Y por sola esta parte, juzgo el todo

De mi sciencia, y estillo, ingenio, y arte.

En Musica gaste mi tiempo todo,

Preuino Dios en mi por esta via,

Para me sustentat por algun modo.

No se fio señor de la Poesia

Porque vio poca en my, y aunque mas viera,

Vio ser passado el tiempo en que valia.

El rio de Mondego, y su Ribera,

Con otros mis iguales passeaua,

Sugeto al crudo amor, y su bandera.

Con ellos el cantar exercitaua,

Y bien sabe el amor que mi Marsida

Ya entonces sin la veer me lastimaua.

Aquella tierra fue de my querida,

Dexela, aunque no quise, porque veyá

Llegado el tiempo ya de buscar vida.

Para la gran Hisperia fue la via,

A do me encaminaua mi ventura,

Y adofenti que amor biere y porfia.

Alli me mostrò amor vna figura
 Con la flecha apuntando dixo, Aquella,
 Y luego me tirò con fuerça dura.
 A mi Marfida vi, mas y mas bella
 Que quantas nos mostrò naturaleza,
 Pues todo lo de todas puso en ella.
 El Mar, de perficion y gentileza,
 Fida, por la mas fiel que nadie vido,
 Sūma lealtad de fe y firmeza.
 Mas ya qu'el crudo Amor me huuo herido,
 Le vi quedar tan preso en sus amores,
 Que yo fui vencedor, siendo vencido.
 Alli senti de amor tales dolores,
 Que hasta los de aora no creya
 Que los pudiera dar amor mayores.
 Però despues que vn mal en mi porfia,
 (El qual se llama Absencia) es quasi nada
 El otro graue mal que antes suffria.
 En este medio tiempo, la estremada
 De nuestra Lusitania gran Princesa,
 En quien la fama siempre estâ occupada:
 Tuuo (señor por bien) de mi rudeza
 Seruirse, vn baxo ser aleuantando
 Con su saber extraño, y su grandeza.
 En cuya casa estoy ora passando

Loroas
 fa de
 Bel
 de

1. Marfisa
 Alphon
 non Marfida
 Quagran
 fisamar
 (fus fus
 ledi p. Reu
 o Ajub

Con mi cansada Musa, ora en esto,
 Ora de amor y ausencia estoy quexando.
 Ora mi mal al mundo manifiesto,
 Ora ordeno partirme, ora me quedo,
 En vna hora mil vezes mudo el puesto,
 Ora a hurto de amor, me finjo ledó,
 Ora me veo tan triste que me muero,
 Ora querria morrirme, y nunca puedo.
 Mil vezes me pregunto que me quiero,
 Y no se responderme, ni sentirme,
 En fin me hallo tal, que desespero.
 Si con tu Musa quieres acudirme,
 (Gran Francisco de Sâ) darasme vida,
 Que dela mia estoy para partirme.
 De tu sciencia, en el mundo florecida,
 Me cõmunica el fructo desseado,
 Y mi Musa serâ fauorecida.
 Pues entre el Duero y Miño estâ encerrado
 De Minerua el thesoro, a quien iremos?
 Si no es ati?do estâ bien empleado.
 En tus escritos dulces los estremos
 De amor podremos ver mai claramente,
 Los que alcançar lo cierto pretendemos.
 Dexar deue el arroyo, el que la fuente
 D'agua limpia y pura veê manando,

As obras de

Delgada, dulce, clara, y excellente.

Mui confiado estoy de ti, esperando

Respondás a mi letra por honrarme,

Pues d' escreuirte yo, me estoy honrádo.

No quiero importunarte, ni alargarme,

Que do ay prolixidad, no falta vicio,

Escriue señor por consolarme

Que amy haras merced, à Dios seruicio.



Resposta de Francisco de Sã de Mirãda.



On te mayor, que a lo alto del Parnaso

Subiste, porque al nuestro Lusitano

Truxiesses dulces agoas de Pegaso.

Que hare q̄ al respõder tiébla la mano?

Trabajé por escusa, si la hallara,

Buscãdo lo q̄ no ay, cãfase en vano.

No dissimulare la verdad clara,

Y endote a responder, atras boluia,

Viendo tu pluma quanto que me alçara

Temia lo que aun temo, que diria

El que oydos alçara ala respuesta

La tierra tan preñada, que paria.

Parturiunt mō-
tes, nascetur rīdi-
culus mus.

Soltose

Soltofe en risa todo, tanto cuesta
 Esperar mucho, viendo por d' antojos,
 Quanto a my, quien me loa, me amonesta,
 Poniendome de lante de los ojos
 Como en pintura, lo que seguir deuo,
 Que en traje de loores, son abrojos.
 Forçado a responderte en fin me mucuo,
 Yerro a sabiendas, van y vien sudores,
 Agora el huelgo, ora la pluma prueuo,
 Si con Monte mayor trato d' amores
 Quando lo alcancare: vá de corrida,
 De laurel coronado, yedra, y flores.
 Y si antes quiero tratar de la vida
 Que sola es vida perpetua y segura,
 La entrada es alta, ciega la salida.
 Obuen Mondego que en la Estremadura,
 Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
 Deuido, como vuisse gran ventura;
 Al fin (dire) del mundo has dado vn fructo
 Que lo inche de odor todo, y que leuanta
 Del campo y sierras niebla, el campo ha enxuto.
 Mientras tañendo va, mientras el canta
 La su Marfida, por los campos llanos
 De tus agoas regados, quien no espanta:
 Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos
 El mi Diego espargio, sin aluedrio
 D' amontado alli de pies y manos.
 Estotro con mejor suerte el tu rio
 Passo, los altos puertos, buelue lleno
 De mucha gloria al nido suyo y mio.

Todo
 Combra

Marfida
 Marfida
 Marfida
 Margarida

Cruz
 Mondgo

Montem

Todo este se hizo mas sereno
 La nuestra Lusitania a lexos tierras
 Se va, de boca en boca, feno en feno.
 Fue Monte mayor ya mentado en guerras
 Del santo Abbad Don Juan, (cuentase assi)
 Agora dexa atras agoas y sierras.
 Quando los Moros lançauan de aqui
 (Ah los muchos peccados de Christianos)
 Quedose el leal Monte en saluo alli.
 Marsilio de gran nombre entre paganos
 Del Hebro a la Ribera puso filla,
 Ya raya entre Carthago y los Romanos.
 Entraron Maomethanos por Castilla,
 D'amor, y Marte fiero vuo aventuras,
 Quien cree, quien no lo cree, se marauilla.
 Grandes cosas se cuentan de como a escuras
 D'aquellos tiempos, de vista Turpino,
 A estranhos cuentos orejas seguras.
 El hadado Roldan, Reynaldo, Dino,
 Que le fuera fortuna mas cortes,
 De sus riquezas vn tal Paladino.
 Rogel, del ingenioso Ferrarès,
 Tanto alabado, en tan sabroso estillo,
 Astolpho, aventurero y vano Ingles,
 Que dio la muerte al fabuloso Horriolo,
 Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
 Negro, hermanos, ribera del Nilo.
 Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante,
 En campo armadas, tormenta y terror,
 Por enemigas hazes adelante.

Monarchia Lusitana
 Fr. Bernard
 de Breda
 Abade
 do mosteiro de
 sobrinho del
 Pier de Ramon
 I de Seora
 5780 qual
 a resga ou 876
 do Poder das
 mouros
 Guia 315

Lusit
 Ragero

Hasta tanto llegue, por tu favor
 Que todo es en Marfida, he te seruido
 Si mal no deprendi las leies d' amor.
Vezino aaquel tu monte do has nacido,
Cogi este ayre de vida, y dei Mondego
Tan clara y tan sabrosa agoa he beuido.
 Afsiento de las Musas, tras el ciego
 Niño que buela, perdi el tiempo andando
 Vno de los sus locos, no lo niego.
 Y aun aora, la memoria quando
 Bueluo por las pisadas que atras dexo,
 Lo que me hago no se, si ando, o desando.
 A tal fazon quica de amor me quexo,
 Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, triste Alexo.
 Que haremos a estos nuestros coraçones?
 Si se nos hurtan toda vez que quieren?
 Vanse como acogiendo a sus prisiones.
 Bien vees que estos sentidos en nos mueren,
 Biuen en otra parte, alla passados,
 Alla nos llaman, d' allanos requieren.
 Y mas conque blandura! amenazados
 Como esclauos huidizos, noche y dia,
 Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
 Hasta el mal d' otro tiempo desafia
 La vida, y con desseos de presençia
 Se buelue a codiciar lo que dolia.
 El nuestro Andrade vi muerto d' ausençia,
 Sprito tan gentil, tan mal tratado,
 A mal tan aspero, tanta de paciençia.

Nissun
 maggior de

Nacido para amar y ser amado,
 Mas es amor cruel naturalmente
 Tanto en contrario al nombre que le han dado.
 O ciegos, ciegos, qual razon consiente
 Que lo que os aquexaua alla, cad' ora
 Aca con su deseo os atormente:
 Quien no sabe que amor al que lo adora,
 Y mas de vientos beue por sus cosas,
 Por vna vez si rie, quantas que llora?
 Que muestras son las tuyas tan lustrosas;
 Que pintadas; que lexos tan diuinos;
 Agoas que caen d' alto tan hermosas;
 Que soledades d' vnos altos pinos,
 Como del monte Menalio, a las estrellas
 (Licencia ayan palabras) tan vezinos,
 Que los cantares, antes las querellas,
 De sus pastores oyen en tal parte,
 Parece que responden al fin dellas.
 Demos buelta al Archero, que reparte
 Tan mal sus flechas, van lo acompanyar
 (Por la razon que ende ay,) Venus y Marte.
 Con que palabras te podre rogar,
 (Sea con gran perdon de quien te llama)
 Que no nos quieras tan presto dexar.
 Marfida, el fuego tuyo y dulce llama
 Aura por bien de ser aca cantada,
 Do no vino en persona, venga en fama.
 Sabe bien que la muerte toda ayrada
 Amenazò quanto nace, y no perdona
 A cosa biua, y todo buelue em nada.

*Busto
No 116. Helena*

*Soneto
flechas de oro
i plomo*

*†
Cyr*

Enterneciste esta braua leona
 A los cantares de tu ingenio raro
 Con gran fauor del hijo de Latona.
 Leuanta los sentidos al amparo
 Tan seguro y tan alto, como tienes
 Desta Princesa nuestra, vn sol tan claro.
 No seas como muchos, que sus bienes
 Bien no conofcen, mira que acontece
 Apocos lo que ati, si bien te auienes.
 Yo digo con tu suerte, que esclaresce
 Por la casa Real en todo estado
 Do por costübre antigua embidia cresce.
 En fin las Musas ternan el cuidado
 Del su Poeta, que lo quieren tanto
 Como a quien de años tiernos han criado,
 Al son de las sus vihuelas, y al su canto
 Lo entonan siempre, ve se clara prueua,
 Cantando el mueue agozo, mueue a llanto.
 Destos mui cuerdos, no me es cosa nueua
 Que esten burlando esclauos del prouecho
 Onde aparece, o que arda el cielo, ollueua
 Esforçandose siempre, o con derecho,
 O sin derecho (aqui poned el tino)
 Inchamos esta casa, hasta el su techo.
 El oro blando a todo abre el camino
 Mas que el hierro, y solo el es dicho Auero,
 Nadie inquiere despues de donde vino.
 Las buenas Musas basta les tener
 Lo necessario, para que es affan
 Vano, y sin fin: que poco es menester.

J. Salvá
 295

11

No vees los dias que prissa se dan?
Vnos tras otros, pocos son los ledos,
Y todos juntos pero que seran?
Humos y vientos que nunca estan quedos,
Esse poco de vida y breue instante
Lleno de sobrefaltos y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante,
A Laura hizo el Pãtracha tan famosa,
Que suena deste mar al de Leuante.
Bocacio alço Finmeta en verso y prosa,
De Pistoia el buen Cino a su Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichosa,
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria,
De toda parte, y como que se nos coaja.
A ti las Diosas de la Poesia
Ya tu Marfida, os haran immortales,
Que nunca le anochezca al vuestro dia.
En lo del cuerpo de stos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos,
En vn sentido, mas otros iguales.
Hemos de confessar que no queremos.

Francisco de Saa de Miranda.

FABVLA





FABVLA DO MONDEGO.

A El Rey nosso Senhor.

Polóciano
Moré-Fallo
No XCIV *Histo. de Orfeo en Océjaya uma*
comp. p. L. Man de Colomg
Nelyto Rei, que deste al otro Polo
Enchistes de tropheos, abriendo al
Nylo

+ 1580
Del: a Tajo: luz nueva, y nuevo dia,
Mudando en esto la natura estil'or:
Dádoos Neptuno el mar, dádoos Eolo
Sus viéto: y a mas Marte ala porfia:
Por la Zona que ardia
En braua, continuamente
Vuestra animosa gente
Los Portugueses, a que nada espanta,
A vos señor los ojos, y ala santa
Empresa, y lealtad ppria, y d'abuelos,
Contra amenaza tanta
Gran denuedo vancio, tantos recelos.

Ora mientras al mar Roxo el Otho-
mano *M. de S. J. de S. J.*
(Soberuio delos muchos vécimiéto,
Por culpa agena, mas q virtud faya)
Ata las llagas, tuueca pensamientos,
Tiémbla, pensando a vuestra armada
mano,
Busca donde se escóda, o por do huya,

cf. Gil Vicente
3.) Andregada
3.) Vilhena Bar...
4.) Lus. geogr.
5.) Guia delam...
Antes que lo concluya,
Del todo, y buelua en nada
La vuestra luenga espada,
Alto señor, no falte aqui ninguno
Que no os véga a seruir a vno a vno
Yo tábien (tropeçando hasta q caya,
Favor pidiendo alguno
Al estrellado Pá, con que a vos vaya:

Y viend' que baxais vuestros oydos
Por essa tan amable mansedumbre,
Al canto pastoril, medio dañado,
Quíça mouere mas hazia la cumbre
Del mui alto Parnaso, por oluidos
Malos, y malos tiempos oluidado.
Aquel tan alabado
Tytiro Mantuano *de Virg. Ec. 1.*
Alçando el cantar llano *de Villan. j. uny*
Del campo, nos dexó sobrada escusa
De irnos tras la su Taalia vfana Mu-
sa,
Quanto las fuerças podrá abranger,
Haremos lo que se vfa,
Reconosciédo al tiempo el su poder.

Coimbra 1527

I 4

Entre



As obras de

Entre el gran Duero, y Tajo, el buen Mondego

(Ya Munda) (que es dezir, clara agoa y pura,) #

Se va por los sus campos passeando,

Parece que saliendo destrechura,

El trabajo vencido, entra el sosiego,

Y quedo a su ciudad muestra va dando: ?

Donde aora cantando

Las hermosas hermanas

Del fauor vuestro vfanas

Se mueuen juntas en cuento y concierto;

Que salen del ñublado al descubierto,

Cantando el vuestro nombre, y subilloban

Al cielo su alto puerto,

Do tales Reyes por tales obras van.

Ribera deste cabdaloso rio,

Riquissimo de pastos, y ganado,

Vuuo vn noble zagal de nacimiento,

En edad tierna sin padre dexado,

Sin madre, sin hermano, en señorío

Libremente del largo heredamiento:

El puesto entre otros ciento

Donzel apuesto, y tal,

Que A ser el principal

No cuerpo, gesto, o gracia le faltaua,

Antiga

Antiga y comum fama lo arrayua
 De sangre de Gerion, que atantas lides
 Ante sus greis se armaua
 Fuerte en tres cuerpos, contra el grande Alcides.

a / Lere
 Co

Torre de
 Hercules
 Portugal
 P. Hovesco
 p. 12
 Leitas 232
 362 - 3.

Cuya venida donde aquella agoa baña
 Los campos de Coimbra, ay tal memoria,
 D' vna alta torre de su nombre rica,
 Por suya juntamente, y nuestra gloria,
 Como las dos colūnas que esta Espanha
 D' Africa parten en distancia chica,
 Tras esta multiplica
 Otra y otra señal,
 Vn arco triumphal,
 Las grutas, y edificios Romanos
 Los luengos aqueductos, ya mal sanos,
 Que la ban de antigüedad en noblecida,
 Segun las nuestras manos
 A sus obras mal dan años de vida.

p. 16.
 29
 45

Mas sobre todo que la enriquecio
 Ala noble ciudad, es el thesoro
 Del santo cuerpo de su Rey primero
 Que en el campo vencio tanto Rey moro,
 Quando otro Rey mayor le aparecio
 Por nosotros erguido en el madero,

Carta

Y a quel

Incañador tamarit
Fugando el su

Y aquel padre primero.

22

Que con el bien no pudo.

Por lo qual vuestro escudo

Real, lleua pinturas tan diuinas,

De tales Reyes, y tal misterio dignas,

El buen hijo cab'el quiso yazer,

Que desplego las quinas, —

Sangre a Guadalquivir hizo correr. —

Boluamos al Mondego, que á esta parte,

Ora á quella, se va suauemente,

Otro nuestro Meandro en sus rodeos. —

Ende al passar d'vn bosque, y d'vna fuente,

Rica dela natura, y pobre de arte,

Viose vna Nimpha, tambien sin arreos,

Diuina en sus meneos,

Graciosamente estando,

Graciosamente andando,

Vn blando ayre respiraua al prado ameno,

Ella cantaua, y juntamente el seno

Enchiendo se yua de diuersas flores,

De que el campo era lleno,

Al fresco bosque en la calor se entrara

La Nimpha hermosissima, cubierto

De sauses, que en el alto se abraçauan,

Sobre verde variado de mil flores.

Ma cantara
De la
Fernand

nueo

Or.

Caro

J. Caro
hasta Sevilla

colores

De sauzes, que en lo alto se abraçavan
 Quasi en cierta medida, y cuento cierto
 D'un cabo el monte, d'otro el agua clara
 Como a porfia, que lo rōdeauan:
 Las aues combidauan
 Con su dulce armonia
 Tomar amor por guia,
 Al que en el bosque solitario arriba.
 Vna fuente manava en peña biua,
 Escondida a los bombres, y al ganado,
 Que dulcemente se yua
 No se que murmurando por el prado.

Nieve la Nimpha, el vestido de nieve,
 Entretexidas de oro flores raras,
 Al viento las madexas d'oro fino,
 Vencen sus ojos las estrellas claras,
 Los blanquissimos pies por flores mueue,
 Quanto vees y no vees todo es diuino.
 Vn cuerpo mortal digno
 Nunca fue de tal ver,
 Si vna d'acontecer,
 Nunca s'acontecio sin graue daño:
 Exemplo es de Acteon el caso extraño,
 Qu'en ciervo transformado, corre el campo.

In caçador tamanho
Fugando el su

Y aquel por tamanho
Que con el su Pampago, y su Melampo.

Ma cantara
De la J. J. J.
F. J. J.

Por lo q. auia aquel cantar famoso
Real, lleca Diana, y el roxo Apollo
De tales ca Diana, y el roxo Apollo
F. mosissimo parto de Latona

Que no le dan con los sus niños, solo
(Siquier por breue espacio) algun reposo,
Perseguida sin le ayudar persona
Comun fama apregonna
Que las que ora son ranas,
En fin siempre villanas,
Lycios malsines que le auian hecho,
Turbando el agoa de comun derecho
Deuida a todos, pidela en merced,
Tales hijos al pecho,
De calor muerta, de cansancio y sed.

|| Diego (que el donzel tal nombre auia)
A caso alli arribo, busca sosiego,
(Que baxaua del monte fatigado).
Ab triste adonde vas? todo ende es fuego,
El bosque, el rio, aquella fuente fria,
Todo arde en llamas, buelue atras cuytado,
De su suerte lleuado,
La Nympha en oteando

Como aqui vine, o quando,
 (Dixo) o do me estoi? ojos que veis?
 Oydos que a tan alto os estendeis?
 Ay Dioses immortales, no me sea
 Contra todas las leyes
 Por culpa auido aqui cosa que vea.

van

ierto

clara

La Nimpha que sintio d'ojos mortales
 Su beldad immortal ser offendida,
 Dexado el canto, gimio contra el cielo,
 Del gesto hermoso la color perdida,
 Y juntamente todas las señales
 Del plazer fuidizo buelto en duelo:
 Y como aquel moçuelo
 Troyano, no pudiendo
 Sufrir su cuita ardiendo,
 Echose al agua alla por lo escondido,
 A los ojos buyo, que no se vido.
 Despues aca entre nòs en parte alguna:
 El moço esuanecido,
 Sin ojos mecer, mira a la laguna.

Auia amor dispuesto a la sazon
 El pecho (enantes duro, y çabareño)
 Usado a caças delas brauas fieras,
 Despreciando amor desde pequeño,

Por

Por lo qual assechando la occasion,
 Vengatiuo qual es, diole de veras,
 Diciendo, Mas tu que eras
 Tan atreuido, y loco,
 Ternas en este poco
 Para toda tu vida, o corta, o luenga.
 Vengose el niño ciego, aora te venga,
 Si tanto puedes. Diego frio estâ,
 Oyo la dura arenga,
 Sintio el gran golpe, Amor bolando vâ.

Despues (como de sueño alto) despierto,
 Los ojos buelue aca y alla pasmado,
 Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
 Y qual ir vemos vn desasifado,
 Alli se mueue el triste sin concierto,
 Ora para, ora corre, y grita en vano:
 Gozase Amor villano,
 De como en poco trecho
 De Diego vn otro ha hecho,
 De como por el água entra sin tino,
 Todo turbado; no sabe el mesquino
 Lo que haze, o que haga à quella cuita suya,
 A aquel furor diuino,
 En que modo lo attienda, o por do huya.

Dezia a gritos, Como, y pudo auer
 Lugar en que cupiesse vn bien tamaño,
 En todo este cercado aca del cielo?
 'Aquel bien solo, que igualaua el daño, ||
 Atanta claridad donde esconder
 Se pudo, con igual mi desconuelo?
 Quien me alçaria a buelo,
 Para qu'este ayre todo
 Busque; y que tenga modo
 D'entrar, y reboluer las agoas dentro?
 Quien me abrirâ caminos hasta el centro,
 Que vaya siempre, y nunca buelua atras,
 Por malo, o bueno encuentro,
 Hasta que vaya a dar donde tu estàs?

Que podeis ya aqui ver, ojos cuitados,
 Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
 Ora mal al amigo, ora al pariente?
 Ora grande calor, ora gran frio?
 Y roñas, cõmun mal delos ganados?
 Las renzillas que van continuamente,
 El luengo año que miente
 Atantos de sudores
 De nuestros labradores,

Fr. de Port
vital
No basta
castigado
mas hambriento
Pis. 32

No basta trabajados, mas hambrientos?

Yelos, truenos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue lluvia, ayres corruptos,
Tantos dessabrimientos
De tiempos lluviosos, ora enxutos. —

Todo quanto este mundo en precio tiene,
Las flores, las verduras, claras fuentes,
Que hieruen al nacer, es como estraña
Aquella beldad, si para çs meintes,
Que o nada, o poco dello nos conuiene:
El fuego hermoso, todo quemar y daña:
Quien espera la saña
Del agua quando crece? —

Alla arriba aparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra, —
Estraña a nos, però no lo era aquella
Que vi, y assi tan presta
Se fue: Nymphá immortal, que no donzella. #

A mi mismo soy hecho vna enojosa
Y graue carga: ay que en igualdad
Soy falto delo mio, y delo ageno,
Pobre en mis bienes, qu'es de auer piedad:
Que abasta al coraçon que no reposa:

Quien

Alli viniendo con la su preciada
 Sampoña (que otro tiempo ser solia) X
 Estuvo vn rato en auerla acordada,
 Desacordado el triste, y desigual:
 Dexa ora el tañer, ora tañia:
 Puesto en tal agonía,
 Vuo de comenzar
 El lloroso cantar

De Eurydice y d'Orphee (antigo cuento)
 Caen lagrimas vanas, lleva el viento
 Muchos suspiros, tiempos mui diuersos
 Traendo al pensamiento:
 En fin soltó la lengua en estos versos.

Huyendo al atreuido de Aristeo
 Eurydice en el prado ponçoñoso,
 Mordida cae: cruel caso por cierto
 A las sus Nimpbas: cruel al quexoso,
 Al solo, al lastimado, al triste Orphee,
 Que el en muertos la sigue antes de muerto.
 Con tal concierto
 Fue: das mano humana
 Que en tan liuiana
 Vcer vino como el, su mal cantando.
 Primerando, y Eurydice llamandc:
 repuebla el valle dâ,

Rey I 309

Vergil
 Georg. IV
 434-527
 Met. X
 1-65
 Ouid.
 Polixeno

Vergil
 Georg. IV 525-27

Quando

108
 109
 110
 111
 112
 113
 114
 115
 116
 117
 118
 119
 120
 121
 122
 123
 124
 125
 126
 127
 128
 129
 130
 131
 132
 133
 134
 135
 136
 137
 138
 139
 140
 141
 142
 143
 144
 145
 146
 147
 148
 149
 150
 151
 152
 153
 154
 155
 156
 157
 158
 159
 160
 161
 162
 163
 164
 165
 166
 167
 168
 169
 170
 171
 172
 173
 174
 175
 176
 177
 178
 179
 180
 181
 182
 183
 184
 185
 186
 187
 188
 189
 190
 191
 192
 193
 194
 195
 196
 197
 198
 199
 200

Quien tal fuego encēdio dentro en mi pecho?

Que se hizo el tiempo bueno?

Tras peces por los rios,

Por los bosques sombríos

Tras delas fieras: que alegre porfia,

Viniendo ledó, mas ledó boluia:

Como las cosas van mudando el ser?

Ora con que alegría

A casa boluerè? con que plazer?

Iuase Diego ansi deuaneyando

Por sus locuras, que cabo no tienen,

Vnos y otros cansancios sin prouecho,

Los vnos idos, los otros que vienen,

Configo de continuo peleando:

Va batalla cruel dentro en su pecho:

D'amor, y de despecho

A reuezes lleuado, +

Ora vence vn cuidado,

Ora vence otro: el triste hecho pedaço,

Con tal contrario lidiando a braços,

No viendo que camino dexé, o siga,

Embuelto en embaraços,

A la fortuna se rinde su enemig y piedad:

Vn dia (vano aliuio de su mal)

Quien

Quando se assienta, y quando
 A las lagrimas buelue, y quando va.
 D'vna merced d'amor (dixco) forçado
 Si ante tiempo me auéis, como fezistes
 (A vos mismas juz gar (sombras) lo dexo,
 Si os mueuen a piedad las cosas tristes)
 Vn solo coraçon a entramos dado
 Partistémelo assi: desto me quexo.
 Si aquel Sol que atras dexo,
 (Que todo vee) veer pudo
 Iamas caso tan crudo,
 No tengo en nada, ni sea nada el daño,
 Amor me trae aca, tratam' engañõ
 Dessesõ (qu'esperando se consuela)
 No os parezca extraño,
 Tiempo os pido, y no mas, poco, y que buela]

De la Infanzon
 1787
 (Calle de los Reyes)

111.

omnia debentur vobis
 32
 serius aut citius

Todo se os deue en fin, corre a la muerte

O cedo, o tarde, quanto alla aparece,

Y el nuestro cedo, o tarde, a vos q'es? rads

1. Poligon
 262

Ord.
 33
 entre viendo
 i no viendo
 entre ver i no
 ver

A mi, que amanesciendo me anochece,

Fueme amostrada la mi rica suerte,

Que entre vella y no ver/me fue que

Ver vna flor pisada

Primero que cogida,

Pres
 tres de Portugal p. 9
 auer entre ver i no ver m. 119.

Estano

Veer la fruta perdida,
 Que al primer buen odor el viento estraga,
 Miesse del temporal, o de arte maga
 Tollida, es daño que la vista ciega,
 Mirad la cruel llaga
 Que os muestra amor por mi piadoso y ruega.

Que no me trae aca codicia estraña
 Delos vuestros thesoros encubiertos,
 No loco atreuimiento, y no maldad,
 D'espíar los caminos, y los puertos
 Escuros, qu'el gran lago Stygio baña.

Traeme solo amor, trae hpiedad,
 Y si tal crueldad

En estas partes se vsa,

Que no me valga escusa,

Que no me valgan lagrimas, ni ruegos,

Sombras que os is por estos ayres ciegos,

Que ya de mi la mayor parte vuiestes,

A fuegos o fosbiegos,

Porque vna no quereis, otra quesistes?

Emi me lo ayais echado a presuncion,

an euita que me trae, y guia,

orgudo, y de su llama buena,

amor conoſcimiento auia:

(me
 Danje. Infor
 III. 12. Amor
 mi' mossé.
 ii Polyan
 257
 Pulos An
 de' nostri pa
 e' duc.

Oh

No
 Ma
 alcuna m' m' si

No se que ya desto oyme, a tal sazón
 Que del gran nombre suyo oyera appena,
 Alla suso se suena
 El como, donde, y quando,
 Aca baxó llorando
 Ceres, aca buscando
 Su dulce fija, baxò, que satisfecha
 Boluio (si quiera en parte) desta estrecha
 Pena; respire aqui:
 Mi mal que os aprouecha?
 Del bien que os cuesta mas el no, qu'el si?

Al son delas palabras piedosas
 D'aquella Lyra dulce, y voz diuina,
 Que de su mano amor todo acordara,
 Todo enternece por donde encamina,
 Baxaron: las sus orines espantosas
 Las sus hermanas, blando se le para
 Caront, sin vella, o vara
 Passò sin remos la barca segura;
 De fea catadura,
 Por tres bocas vuiando el Cancerbero,
 Oyendo al dulce; oyendo al lastimero
 Llanto, llorò, dexando aquella puerta
 (De que era antes portero
 Tan duro) por piedad al viento abierta.

Estuuo luego queda aquella rueda
 Del Centauro atreuido: las hermanas
 Nietas de Bello, ningunq acudio:
 Al vano officio, quedas las mancanas
 De Tantalos, la su agoa estuuo queda,
 Su sed, su hambre, todo se aquedo:
 El Buitre no tragò
 De Titio las entrañas.
 Vino a las soterrañas:
 Casas de Pluto, palacios Reales,
 Taño, cantò, lloro tambien sus males,
 Que Eurydice le fue dada con ley
 Que en Reinos infernales
 No mire atras, ansi le plugo al Res.
 Todo promete amor, todo lo espera
 Cumplir, pueda, o no pueda, buelue lido,
 Sigue Eurydice callada tras el:
 Ora aquel que denantes tanto miedo,
 Tanto trabajo por amor venciera,
 Burlolo en fin, no se fie nadie del:
 Bolto, se a ella, y aquel
 Ayre escuro abraçando,
 En vano suspirando,
 La sigue que es uanece amor ingrato
 Inega estos juegos: no puede el contrato

Polyano

230-38
le Belicla

Pol. Trag
263

Mojl.
Bernardes
Carta X

229
25

Camoes
Eg.ora

Camoes
Ode III

Reverend
I 30h

Real

Real quebrarse, no su lei firmada:
 Dize de rato en rato,
 Quanto fuera mejor nunca auer nada.
 Echado de alla dentro, ante las puertas
 De firmes diamantes, luengamente
 Maldixo aquellas cuevas, y altos muros
 La vibuela hechò lexos impaciente,
 Y mil vezes llamò sombras inciertas,
 Y aquellos dioses mil vezes escuros,
 Los dones mal seguros,
 Por demas alcançados,
 En Reinos nunca vsados
 (Dezia) ni a merced, ni a piedad,
 Sabeis qual es firmeza, y qual verdad,
 Veer bien con que intencion otre os offende:
 Amor y humanidad
 Qual es tanto cruel que tal defiende?

Assi cantaua Diego, y no pudiendo
 Con la gran cuyta, que a desora crece,
 A mil remedios vanos se acogia,
 Oluida la sampona, y no se estrece,
 Que no viesse visiones; eis corriendo
 Va como furioso a la porfia,
 Mientele toda espia,

Nunca cuenta concluye,
 Del campo a casa huye,
 De casa fuye por los campos llanos,
 Tomados tantas vezes a las manos,
 Mis engaños (dezia) o que s'es esto?
 Conozcoos por vanos,
 Y bolueisme a burlar luego tan presto?

Bien veo que los Dioses offendidos,
 De mi se vengán como a ellos plaze,
 No midiendo la pena con el yerro,
 Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
 Como por muerta: yaze en los sentidos,
 Cargados deste amor como de hierro,
 A las sabiendas yerro,
 No lo puedo emendar,
 Ya fuera de passar
 Quanto mal entre dia se me offrece,
 Mas ido el sol, que todo se escurece,
 Forçado de irme a casa, y triste al lecho,
 Que buelta se recrece!
 Que sobresaltos van dentro en mi pecho!

Los mis ojos gran tiempo ha que pusieron
 El buen sueño en degredo, y si ende llega,
 De fuera lexos, el reposo dexa,

1. v. 6.
 n |

Vase

Vase bolando por la noche ciega;
En su lugar visiones sucedieron,
Todas de miedo, que mucho me aquexa;
El alma se me alexa,
A mui grandes jornadas,
Seran presto acabadas,
Estas pependencias vanas: los pastores
Diran que fue locura, otros que amores,
Contaran otros que fue assombro amiento,
Y si ay males peores,
Haran cuentos de mi triste sin cuento.

Quantos votos se hizieron, y que ayunos,
Que deuociones tan exprimentadas,
Quantos cuerpos de cera s'offrecieron,
Quantos de tierra en las encruzijadas:
Mas los Dioses, a ruegos importunos
Hazia otra parte se boluieron.
Que alturas no subieron?
De montes sin caminos?
Los Rhitmances diuinos
Cantando, do la nieue el suelo esmalta,
Quica pensando en parte tan alta
Seren oydas mejor las sus prezes:
Pero la suerte es falta,

Esperança:

As obras de
Esperança no falta,
Mas falta lo esperado muchas vezes.

Como vn pino alto al monte, combatido
Del impetuoso viento en la tormenta,
A quantos que lo veen pon' en recelo,
Los truenos amenazan, llueue y venta,
Va creciendo el pavor con el ruydo,
Por el feo ayre van ramas a buelo,
Hasta tanto qu' el cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo y no viendo,
El fiero rayo en sus bueltas desciençe,
Aâquel postrero mal quien se defiende?
Queda vn tronco quemado, vn cueto breue,
A quien passa por ende,
O busca alli: quiça que a casa lleue.

Los males que passando el tiempo cura
Como veemos qu' el haze, pues que vâ
A tal priesa (dezia) no son males,
Este si, que este es mal, que ansi se estâ
Aqui d'espacio, y del tiempo no cura,
= Vn tun cierto remedio a los mortales:
Y si las immortales
Almas de aca partidas,

Del

Del todo escaecidas

+ Se van de quanto vieron por baldio:

+ Toda via este amor, este mal mio,

Do quiera que yo d'aqui sea lleuado,

+ El soterrano rio.

+ D'oluido passará junto a mi lado.

Y si lo que esta tierra no fue digna:

Tener mas luengamente, anda cantando,

Fuera deste ayre gruesso, escuro, amaro,

Por otras sus riberas passeando.

Que digan con la tal beldad diuina,

Que m'estoy aqui mas? a que me paro?

Sin buscar aquel claro

Ayre qu'ella esclarece,

Donde nunca aparece:

Vn' hora escura, y siempre el claro dia:

Ella me fuisse la mi buena guia.

D'aqui partiendo, que siquiera vea:

Que en fin le amanescia

Despues de tanta noche escura y fea.

Fueron oydos como vuios estraños

Por el caillado delas luengas noches,

Qu'el sueño por gran rato afuyentaron,

ueron vistas visiones de sonoches,

Que espantados los niños tiernos de años
 A pechos de sus madres se apretaron,
 Alto dia bolaron
 Las aves enemigas
 De luz, con sus cantigas
 Poco agradables, antes alaridos,
 En las manadas bueyes dauan bramidos,
 Qu'era vna piedad vello, y oyllo,
 Bauados y transidos,
 Desd'el toro mayor, hasta el nouillo.

Los gruessos campos sembrados de trigo
 Candial hermoso, dauan vana auena,
 Y joyo, que la gente embouecia,
 O que mucho sembrasse, o mucho, apena
 (La fama que no muere m'es testigo)
 Con la simiente nunca respondia:
 Alçauase y ponía
 El sol sin claridad,
 Temiose aquella edad
 D'vna noche sin fin, o almenos luenga,
 Quien quereis por seguro que se tenga?
 Entre tantos de males de contino?
 Llenado assi a la luenga,
 Al fin determinado el bado vino.

Vete

Vete buen Diego en paz, que en esta tierra
 Si ay plazer oy, no dura basta mañana;
 Y dura mucho quando te desplaze;
 Agora ya no vees la sombra vana,
 Que tanto aqui te fizo luenga guerra,
 Ardiendo el pecho que ora frio yaze,
 Lo que los fatisfaze
 A tus mas claros ojos,
 No son vanos antojos
 Que veas, y no veas juntamente:
 Mas siempre la paz buena alli se siente:
 Cierta contentamiento te acompaña,
 No tanto de accidente
 De quantos van por esta tierra estraña.

El acontecimiento doloroso
 Sabido por los lugares conuezinos,
 Ayuntò luego gente a nueuo llanto,
 Y nueuas alabanças: los caminos
 Eran llenos de madres sin reposo,
 Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
 A todos causa espanto,
 Que lo han visto y oydo,
 Vn mal no conoscido,
 Vn mal que nunca viose entre los males,
 Dizen como pasmados los zagales,

Diego es muerto, diuinos consejos!
Si vanse ansi los tales,
Que sera de nosotros, zagalejos?"

Auianse ende erguido, que dixeras
Qu'era vn gran monte: auian cubierto
De rama escura todo al derredor,
Teas de pino ardian sin concierto
Por esos campos, no claras lumbreras,
Señal a todos del comun dolor. —
Passado aquel furor,
Desque planido assaz,
Vn poco estando en paz,
Diosele fuego al monte dela cumbre,
Ardiendo baxa aquella pesadumbre,
Leuantanse alaridos desiguales, —
Dixo vno por costumbre
A las cenizas palabras finales.

puson Despues cogidas ellas luego alli,
puson En alto las pusieron, puson mas
La campona y cayado: puson luego
La honda que dexaua el viento atras,
Y todo junto, vn verso dixo ansi:
Despojos ante tiempo del buē Diegō.
Ya que esto vno sosiego,

Diego

Porfiaron pastores
 A cantar sus loores,
 D' Amor y muerte, plasmando tal saña,
 Mandò los sus ingenios toda España: ||
 Colgaronse Epitaphios diuersos:
 D'aca desta montaña
 Vino vn pastor, tañio, p'isso estos versos.

EPITAPHIO.

Buen Diego, el tu enemigo a las postreras
 Tus honras vino (Amor) ende quemò
 El arco, y las sus flechas lastimeras:
 Lloroso y desfarmado se partio;
 Secaronse laureles, y las eras;
 El ganado a pacer no se baxò,
 Todos dieron señal de su tristura,
 Los hombres, esta negra sepultura.

A EL REY.

Señor, el ya cantado duro ^{des} acierto
 De Diego, (luengamente alli plañido)
 Llora la Nimpha Neiuá, y Nimpha Lima,
 Esta llamada el agua del oluido.
 Estotra del comienço hasta su puerto,
 Dò se entra por la mar de mucha estima,
 La fama por encima
 De montes y de rios,
 A estraños señorios,
 Bolò el caso, contando sin fosiiego.
 Ora del claro Munda, & del Diego
 El su Lufillo, erguido alli cercano,

Mudò

Serpient
 Colubri
 Colubri
 Colubri

Mudò el nombre al Mondego,
 Que parte el vuestro Reino Lusitano.
 Por nueva prueua del antiguo cuento,
 Que mi flaca Thalia os ha cantado,
 Conferuolo Coimbra en su pendon,
 Como oy cada año al ayre desplegado.
 La Nimpha en forma d'vn encatamêto,
 Que la guarda vn drago, y vn leon;
 Y por justo blason,
 (Pues qu'el Reino pregona
 Qu'es alli su corona)
 Ala Nimpha, corona fue añadida,
 Que hermosa va por el agua metida,
 Quanto mano pintar la pudo hermosa;
 Pero como offendida
 Turbada toda, y toda desdeñosa.
 Otros dan tal pintura a la Donzella
 Que dio nombre a los montes Pyreneos,
 De Hercules, con amor despedaçada,
 El cuerpo de las fieras, de deseos
 El alma, mientras sola se querella,
 Y que buscandolo a el no teme nada.
 Otros á aquella hadada,
 Que fue medio Serpiente,
 Y que el contra Oriente
 De si en cinta dexo, dexole vn vaso
 Porque beuia; en fin qual fuesse el caso
 Vos lo sabeis, a quien nada escacee,
 (Musas del gran Parnaso)
 A nos el tiempo todo lo escurece.

ALEXO.

Barbosa
 356

Louis Coimbra
 Alfonso Henrique
 Luis Joao

Olympe
 Valeria Barbosa

Coimbra

Vaerst T 250
 Fastenrat. 7

Paris avec Pyrene
 France litteraire
 31 Mars 1640.

Fr. Luetgo
 303
 a tutora de C. que se conta por mudo

7
 G. G. G.
 pt. 9

Bolycius
 Pyrene
 Hercules

Parnaso
 III 8.
 16, 239

Silius Thalia
 III 400

modis e punta como a figura
 que vos dase de Protho.

ALEXO. *I*

Ecloga en que hablan los siguiētes Pastores.

Alexo. Zagal, Sancho Viejo,
 Nimpha de la fuente, Iuan Pastor,
 Anton, Turybio, y Pelayo, Pastores.

Alexo.

Y o vengo como pasmado,
 Y no se lo que me diga,
 Que mi coraçon litiga
 Entre cuidado y cuidado.
 Valasme Dios, que pecado
 Pudo ser mio tamaño,
 Yo no soy quiē me era, antaño
 Han me como barajado.

Heme aborrecido el hato,
 Los apriscos, y majadas,
 Ando tras vnos nonadas,
 Que no se que ende me cato,
 Que buena ganancia y trato,
 Suspirar noches y dias,
 Vanas esperanças mias,
 Que me engañan cada rato.

Dias ha que no me entiendo,
 No percundo este mal mio,
 Al Sol moriendo de frio,
 Ala sombra (en fuego ardiēdo.
 En ninguna parte atiēdo,
 No se dar con lo que fuesse,
 Como si d' otro fuyesse
 Ansi de my voy fuyendo,

Quica de los mis cabellos
 Debaxo del mi portal
 Me los pusieron, por tal
 Que vuiesse a passar por ellos,
 Y emboluerme hian conellos
 Del pan de los mis bocados,
 O passe sobre sinados,
 No hize oracion por ellos,

L

Si

Si a caso de tal dolor
 (Que en buē juizio no cabe)
 Labenzedera que sabe

Lo que lo trará mejor?

Ando como al derredor

No se que se me afigura,

Quiça puede ser locura,

Quiça puede ser amor.

Soncas si fue assombramiento

De los cuerpos fuidizos,

O me dieron beuedizos

Con q̄ voy beuiendo el viento:

No se, pero mal me siento

De quando esposó Guiomar,

Que dixé aquel mi cantar

Buelue aca pastor sin tiento.

Mas porque así me acordé

De aquel dia de plazer,

Quiero à cantallo boluer,

Quiça, que descansaré.

Dias ha que no canté,

Con el coraçon no puedo,

Estonces cantàra ledo

Ora como cantaré?

Buelue aca pastor sin tiento,

Buelue aque corriendo vas?

No te engañe el pensamiento,

Sino que te perderás.

Porque así te acucias, di?

Las mentes enagenadas,

Cata que apocas passadas

No aura memoria de ti.

Buelue, buelue, ah perdimiéto

Que si no buelues atras

Solo en veer tu atreuimiento

De miedo te moriras.

Aun estonces yo era sano,

Era (me acuerdo) por Mayo

Luche, corri, como vn rayo,

Iua contento y loçano.

Despues me vino vn affano,

Que a pocas muerto me tiene

Dizen q̄ el mal se vos viene

Como de suyo a la mano.

Ay que locura he pensado,

Quãto aquel yerro me plugo,

Agora ya atado al yugo

Tirar, no saltar al prado.

Que buena fuente he hallado,

Que sabrosa, fria, & fresca,

Puede ser que me adormesca

Ala sombra aqui abrigado.

Sancho viejo.

En vano el viejo affanò

Soncas lo que me parece,

Que el mi moço no aparece.

Antes de saparecio,

Quãtas vezes q̄ esto he hecho.

Sin prouecho,

Aqui

Aqui vaa, por alli vaa,
Ya cansado (sin prouecho),
Otro lo vido a culla.

Juntamente con el hijo
Te nascen muchos enojos,
No nos dexa abrir los ojos
Vno y otro regozijo,
Que descanso me fue dado,
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos q̄ he engēdrado,
Mal con los hijos agenos.

Vn lunes por suerte estraña
(A vn no me dexa aquel dia)
De la noche me acogia,
Por el pie de la montaña,
Ende de vna braua breña
Cahareña
Vna cabra que perdiera,
Por el hueco de vna peña
Vide que se me acogiera.

Fuime alla, vi que plañia
Vn niño tierno mas dentro,
Por do tras mi cabra entro
Que contra si me fue guia
Que mas me auia de estar?
Si no entrar,
Como iua por veer lo que era,
No pude alla diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que aventure el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buen entendimieto
Es sin cuento,
Passa a lsi, y es caso estraño,
Tras my la mi cabra siento
Recelosa de mas daño.

Vilo embuelto en tales paños
El por cierto crache tal
Que harto alli yazia mal,
Esto ha sus dezisiete años.
Quien del tiempo no se vella,
Como buela?
Parece que fue esto ayer,
Dandose como despuela
Que prisa lleva acorrer.
Traxelo ala mi Teresa,
Que podria ser de vn mes.
Veislo q̄ anda en quatro pies,
Veislo que se ergue ala mesa,
Luego a mayores alcança,
En criança,
Y en costumbres, y en saber,
Ved de tamaña esperança
Lo que queda al recoger.
Era locura pensar
Sus donayres y los sesos,
Ante tiempo aquellos pesos

En esto van a parar.
 Sabia mas que el jurado
 Bien jurado,
 Ayudaua a missa al crego,
 Aunq̄ este es mal muy vsado
 Seres con tu hijo ciego.

Dixome vno que lo vido.
 Aun agora por aqui,
 Ques del? bien diran por my
 Perdido tras el perdido.
 Ando cansado, y soy viejo,
 Que consejo
 Tomarè del mi camino?
 Veis el mi perro bermejo,
 Ala fe tras my se vino.

Y tu hijo andas huyendo
 De my, de val en collado,
 Que mal camino has tomado,
 El porq̄ yo no lo entiendo.
 Sigues antojos liuianos,
 No los fanos.
 Consejos del viejo padre,
 No se te acuerda d'hermanos,
 No la vieja de tu madre.
 Hame dicho vn escholar
 Que sabe de encantar males,
 Que siete rios cabdales
 Te conuiene de passar.
 Y nadar por la laguna

Con la luna
 Nueua, y buscar siete fuentes
 Perenales, y en cada vna
 Lauarte, y cobrar las mentes.

Ay quien tenga tal sospecha
 Ay quien otras? dicho me han
 Muchas, y muchas diran,
 Mas sin ti que me aprouecha?
 La vejez es cierto cosa
 Trabajosa,
 Niñez sin distinto alguno,
 Mocedad tan peligrosa,
 Que no escapa de ciento, y vno.

Este flaco cuerpo cansa,
 De andar, todo me despeo,
 Mas puede tanto el desseo,
 Que algo el coraçon descãsa
 Quiero dar buelta al lugar,
 Quiero dar
 Bozes, si por aqui fuere,
 Todo lo quiero prouar,
 Antes que me desespere.

Ay Alexo, ay hijo Alexo,
 Quiça si de my te escondes,
 Dime, que no me respondes
 Que por ti todo atras dexo?
 Alexo, aquel viejo loco,
 A que tan poco
 De consejo, y vida queda

Tomado de los Poes. IV 55 / Hame dicho vn escholar / Que sabe de encantar males, / Que siete rios cabdales / Te conuiene de passar. / Y nadar por la laguna

Pues ando cansado y ronco
Que no se como mas pueda.

LA NIMPHA DE LA
FUENTE.

Duerme el hermoso Donzel
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma diosele a el.
El sol es alto, y con el
Del dia es ido buen trecho,
No se q̄ de mim se es hecho,
Sera lo que fuere del.

Loca de my que a mirar
Me puse, y dixè tal viendo,
Quien tãto aplaze dormièdo,
Despierto que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No se quien me buelue aqui,
Quan tarde que lo entendi,
Que peligro es començar.

Mientras pensando esmagino
(Sin examinallo primero)
Amor cruel consegèro,
Con sus razones me vino:
Mostrandome aquel camino,
Alto, y quiso me dezir,
El donzel se querra ir
Luego que cobre su tino.

Pero mi fuente encantè,
Mas quando me la encantaua,
Quien las palabras guiaua
(El me estestigo) amor fue,
Agora que mas pensè
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal
El suyo como podrè.

Y quando el mio quiça
No pudiera sufrir yo,
Pagara aqui el que pecò,
Que la razon assi va.
Qual otra alguna valdra
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me disculpa,
Antes mas culpa me da.

Ora los ojos dexeis
Pagara a amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto
Llorad, que gelo deueis.
Aues que os assi sabeis
Quiça quexando aliuiar,
Mientras me entièdo quexar,
Ruegouos q̄ me acompañeis.

Cantiga
D' amor biè dizen q̄ es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en my fuète encèdio fuego,
Quien podra valer se del?

Poderoso amor altiuo
 Quien razon dar me sabria
 Si mi vida era agoa fria,
 Como agora en fuego biao?
 Sordo en todo, en todo ciego,
 Todo breuajes de hiel,
 Todo guerra a sangre y fuego,
 Tal es el, tal dizen del.

Alexo.

He dormido, ora que atiengo?
 Quiero passar la montaña,
 Quiça que en la parte estraña
 Me estrarà el bien atendiengo:
 Eya, q̃a Dios me encomiengo,
 Que en esta tierra zagal,
 Dias ha que te va mal,
 Mal despierto, y mal durmiengo.

Yo soñaua que me fuera
 Por vnas cerradas breñas,
 De vna parte y de otra, peñas,
 Que nunca el Sol descubriera,
 No viendo via o manera
 De esperança en parte alguna,
 Que xoso de la fortuna
 En lloros me deshiziera.

Entretanto que me quexo
 La sola muerte esperando,
 Oya de quando em quando
 Agritos llamar Alexo,
 Si es quiça que si me alexo

Daqui; que me ira mejor?
 En auentura de amor.
 Y cortesia lo dexo.

Semejaua ciertamente
 Laboz del buen viejo mio,
 Abaxo espumaua vn rio
 Que nunca sofriera puente,
 Veya la muerte presente,
 En tan fiera angustia puesto,
 Desperteme, y fuy de presto
 Fuera da quel accidente.

Mi fe sea lo que fuere,
 Mal parece, y mal serà
 El coraçon me lo dà
 Haga Dios lo que quisiere
 Huertemente me requiere
 Soledad grande y dçseo
 De quanto desdaqui veo
 Sufrire lo que podiere.

La voluntad se me encierra:
 No es tiempo de mas cõsejos,
 A Dios mi tierra, y mis viejos
 Gran mal de vos me destierra.
 Si yo moriere en otra tierra
 A qui los huesos me trayan,
 Que mundos piensas q̃ vayan
 Alla tras aquella sierra?

No cale tiempo perder

Mas

Mas del perdido, q̄ es mengua
 Palabras vanas la lengua,
 Los ojos a aguas correr.
 Lo que se ha de acometer,
 Para que es mas dilatar?
 De los viejos es dubdar,
 De los zagales hazer.

Porque aqui canto Ribero,
 Aqui nuestro amo escuchaua,
 Rodeauanlo pastores,
 Colgados de la suboca,
 Cantando el los sus amores,
 Gente de firmeza poca,
 Que le dio tantos loores,
 Y aora gelos apoca.

Matarme he la sed de nuevo,
 Y gran secura que tengo
 Con que cuita ora a ti vengo,
 Fuente que en mi alma lleuo.
 Si abeujr tanto me atreuo,
 Quando vernè por aqui
 Que beua mas ledo en ti
 De lo que agora en ti beuo?

Ya encantado,
 No veo al bosque salida,
 La vista se me enuanece,
 Por toda parte escurece,
 Mal se ordena esta partida,
 Ala fe que se me oluida,
 Soncas queria de zir
 Yo era el para huyr,
 Vos no pera ser huida.

Anton y Iuan pastor.

Anton.

Suspirado has compañero

Iuan pastor.

No se como no lloraua,
 Sabes porque suspiraua?

Anton.
 Esto falta Iuan pastor,
 Soncas porque suspirar?
 A que se pueden alçar
 Ya los ojos sin dolor?
 Y a que los puedes baxar
 Donde los pornas enxutos?
 Adelante o cara tras?
 La tierra niega sus frutos,
 El sembrar es por de mas,
 Los ayres andan corrutos,
 Los hombres cada vez mas.

Ala sombra da quel pino
 Que a tal dicha se plantò
 No lia por mucho nò
 Que todo el campo vezino
 De la su rama aslombro,
 Vine por Ribero veer
 Como otras vezes tolia,
 (Quan presto fuye el plazer)
 Configo aqui te tenia,
 A cantar y a tañer,
 Mientras la siesta cahia.

Rebueluo en el pensamiento
lo que cantastes estando,
Mi fe fuefeme oluidando,
Del tō me acuerdo y del cuēto.

Bien vees q̄ mundos son estos
Nunca tales fueron creco,
En las mudanças tan prestos
Fruecanfete a cada oteo.

En busca del cantar ando,
Ora atinemos al ton,
Amigo que juro amy
Este era el tiempo, y sazón,
El lugar este era aqui,
Las palabras de rondon
Ellas se vernan por si,
Iuan pastor.

Vide aqui mil buenos gestos,
Quando miro, vno no veo.
Mas las queexas a de parte,
Alo que mandas vengamos,
El cantar que aqui cantamos
Fue (sabes) de traña parte,
Donde anduimos entramos.
Yo le lleuaua el descante,
El se entonaua primero,
Con el su triste semblante
Al modo y son estrangero,
Ya, ya, ya, voy me adelante
Como si fuesse Ribero.

Porque esse cantar, fue llanto
De Cisne (como se cuenta
En su postrimera afrenta)
Yo te ayudare, con quanto,
Es cantar como en tormenta.

Anton,

Lucarion
p. Saima

A mor burlando va, muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, a su merced
(Como de señor) vine, agor a ved
Quãta de razon tēgo en la mi quexa;
Cada hora mas se alexa,
De iny mucho cruel, quien me desmiente
Ah que lo saben todos, quien ganò
El precio de la lucha, esse perdiò,
Enemigo señor que tal consiente.

Wol. Studien
p. 24u 26
p. Diez. Troub.
99. 102. 117
Bartsch fl. I 18
p. Braga

Iuan pastor.

Enemigo señor que tal consiente,
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna hora, es al presente

Guon

Vn pastor

Vn pastor innocente
 La çamponã tañia en regla estrecha,
 Del cierto y buen tañer, y aysi cantaua,
 Plugo mas vn zagal que alto siluaua,
Ved razon ante amor de que aprouecha.

3 Anton.

Ved razon ante amor de que aprouecha,
 Moçuelo, antojadizo, voluntario,
 Al mayor seruidor mayor contrario,
 Bolando a ea y alla, siempre en sospecha,
 Vno porque coecha,
 Otro por atreuido y mal criado,
 Otro por no se que mejor atina,
 Quien lo piensa, enloquece y se esmagina,
 Sin ventura que hara quien lo ha prouado?

7 Iuan pastor.

Sin ventura que hara quien lo ha prouado.
 Y lo prueua cada hora, (estrãña suerte) x
 Puede auer quien aysi corra a la muerte, x
 Dotro cuidado, de si descuidado? x
 Amor cruel te ha dado
 (Zagala hermosa pero fementida)
 Enteramente todos sus poderes,
 Mas ingrata muger de las mugeres,
 Quien el alma lleuo lleue la vida.

5 Anton.

Dime zagala, y como puedes ver
 El Sol en paz en quien juraste, y estrellas?
 Dedia viendo a el, de noche a ellas?
 Como puedes dormir? como comer?
 Que piensas, al tremar
 De tierra, como ogaño, si arde el Cielo?

AS OBRAS DE

Piensas que es burla? o que? No pienses tal
 Que si fue vano vn rayo, otro hizo mal,
 Y donde el no cayo, caye el recelo.

6 Inan pastor.

A aquellos ojos tuyos que al passar
 No se lo que callando me dezian
 Aquellos falsos q̄ esta alma enbayan
 Vn tiempo a mi plazer, otro à pesar,
 El dulce murmurar
 Con la tu compañía, y de color
 Mil vezes trastrócarte en vn momento,
 Todo soltaste, olvidadiza al viento,
 Y biues, muero yo, sufre lo amor.

7 Anton.

Hasta quando sere tan loco yo? hasta
 Quando tan sin juyzio? y sin sentido?
 El tiempo y la razon piden oluido?
 Amor solo no quiere, solo el basta.
 Quien así me contrasta,
 Que viendo claramente lo mas cierto,
 Tomo el camino auieso, y esse sigo,
 Tambien oydos cerrando al castigo,
 Con mis cuydados vanos de concierto.

8 Luan pastor.

Mas dexadas vn poco las peleas
 Dime, qual señor fue nunca tan brauo
 Que tal dixesse? en fin eres mi esclauo
 Yo no soy tu señor, ni se quien seas:
 A palabras tan feas
 Te trae el tu rancor? soberuia es esta,
 Que se pueda sufrir en dicho o en hecho?

A que

A. que somos venidos! Tiempo estrecho,
Aflaz bastára el mal fin la respuesta.

Anton.

Quando luego te vi, vite piadosa
Despues por te querer, | por te adorar,
Subitamente te senti mudar,
Que es esto? es bien querer tan mala cosa?

Ay vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los bueyes,
Los peces | apascer los montes vayan,
Los ganados cubiertos dagua vayan,
Oydo auia amor destas tus leys.

Iuan pastor.

No figuio Ribero mas,
Antes (como era cuideo)
Estuuvo vn rato en reposo
Pienso que te acordaras.
Hablaua a tiempo y lugar,
Pero despacio,

Ay buen pastor, si al palacio
No te dexaras caçar.

Turibio.

No es mucho quié tã biẽ supo
Negociat, juré a diez
Si ganassé desta vez,
Que la mi parte me cupo.
Digoos que assi me estuuiera
Todauia,
Hasta que passado el dia,
La noche vos despantiera.
Siguio desde ha buen cacho,
Que os vi venir pascando,

Vengo tras vos assechando,
Dexe el ganado al mochacho
Luego entre my lo pensè
Estos que van
Solos, quiça cantaran;

O si tal fuesse, y tal fue.

Anton.

Turibio vengas em paz
(Todo el biẽ de nuestra Aldea)

Que en hora buena tal sea,
Llegate ayamos folaz:
Y porque eres verdadero,
Te pregunto,
Como paresciote apunto
Nuestro cantar estrangero?

Turibio.

Anton a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras
Nunca supe habla a escuras,
Voime por la claridad.

Quantos

Bernardes . Ecolab . 1492
Mello . Fidalgo . Aguardo . etc.
Anton.

Quãto a mĩ no soy mas de vno,
Quanto a todos,
Digote que destos modos
Se quiere juzgat cada vno.

Ques menester mas palabras,
Vna vez me fuera en villa
Dietõ me ende vna escudilla,
De vnos como pies de cabras:
Yo no podia comellos,
Mas despues
Comi vno y dos, y tres,
Comi las manos traz ellos.

Anton.

Ati en todo se te entiẽde (uas,
Que has hecho dello mil prue
Empero las cosas nuevas
Alaban todos porende.

Turibio.

Si, mas con tu paz concluyo,
Que no luego,
Primero se aslopla el fuego,
El despues arde de fuyo.

Iuan pastor.

Contrariar a las costumbres
Es nadar contra la vena,
Aunque tengas grande lena
Forçado es que te deslumbres:
Y mas en tierra ado tanto
Embidia vale,
Si alguno del hilo sale
En comiendese a buen santo.

Ora el murmurar dexemos,
Que es mal q̃ mucho se a pega,
De cantar tambien te plega,
Bien o mal, cantado auemos.

Iuan pastor.

No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien,
No nos mates a deseos.

Turibio.

No lo digo porque quiera
Mas palabras, ni mas ruegos,
Mas porq̃ ardo ètre dos fuegos
Que mucho escusar quisiera.
No cantar criança es mala,
Y cantar mal,
El selo dize que es mal,
Vuestra medida me vala.

Aunque a mucho me atreuo
Cantando, si a cantar hẽ
Delante de vos, de que
Si no de amor puedo y deuo?
Amor que este piensamiento
Rige y manda,
Qual dire? Amor en q̃ anda?
No, mas la De mi tormento!!

De my tormento vencido
Lo que se, lo que no sẽ
Quanto mandar des dire.

Pero

El uso
Ratay
Pero
B. T. ...
Ph...

Pero pensad si despues,
Digo lo que ni pensara,
Esta crueldad es clara,
Que os saldra mucho alreue s.

Andaes a saber lo que es,
Dessa manera ala fe.
Sabreis lo que nunca fue.

En pena que a tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga
Harè, que mandaes que haga?
Dirè, que mandaes que diga?
Lo que se siguiere siga,
Que en tal tormento ala fe.
Lo que me digo no se.

Anton.

No te quiero dar loores,
Turibio, ni dezir mas,
Sino que con tus amores,
De amores muertos nos has.
Yo hablo como lo entiendo
Hable el maestro.

Iuan pastor.

Si callando no lo muestro,
Mal lo mostrare diziendo.

Anto.

Antes que se esfric, presto
Gelo digo assi de lante,
Helo de forçar que cante
Mas, y ser villano enesto,
Ayudame ora a rogallo,

Iuan te ruego,
Y si no nos basta el ruego
Ajudame ora a forçallo.
Iuan pastor.

Por los sus cantares buenos,
De que nasce este desseo
Si por fio, y si peleo
Viene a ser la culpa menos.

Turibio.

Fuerça es esta toda via,
Soy tomado,
Bastara el vuestro mandado
Quanto mas tal cortesia.

Mientras tanto a los mis ojos
Me obligo, y doyme al cuidado
Ved amor qual me ha parado.

Para q es mas? yo soy muerto
No pense que era el mal tato,
Hanme traydo en concierto
Soltose todo en mas llanto,
Descudeme algo, entretanto
Que amor me vio descuidado
Vio tiempo, y tuuo cuidado.

Hanme trastornado el pecho,
Sin dexar cosa en su ser,
Mas gran crueldad han fecho.
Yo, ansi de que aprouecho?
Cruelmente lo han pensado,
Que mejor fuera acabado.

Iuan

Iuan pastor.

Si muchos tales pastores
Lleuassen nuestras montañas,
No se irian los loores
Todos a tierras estrañas.
Y aunque alla los merecian
Bien, y bien,
Pero por aca tambien
Algunos nos dexarian.

Quantos buenos naturales
Ay por aqui, si aprendiesse
Mas delicados zagales
En plazer se enternecen,
A trabajos cuerpo tierno
Se demuda,
En verano quando suda,
Quando tiébla en el inuerno.

A rifa, ya que no digo al,
No se como defenderme,
Que se quiere hazer igual. *igualar*
El q duerme, al q no duerme.
Y despues ansí dormiente
Qual se yaze,
Dezit, Esto no me plaze,
Le es razon muy suficiente.

Anton.

Es lo que dizes sin faila,
Cada vno alla se lo vea,
Pero Turibio aunque calla
Dios sabe lo que desca.

De cantares estrangeros
Gran sed nuestra,
Seria esta deuda nuestra
Pagalla, y mas sin dineros.

Iuan pastor.

Grande o pequeña que sea,
Toda cosa que el de mande
Puede estar seguro, y crea,
Que holgare d'antes ser grãde
Porque querria que fuesse
El cantar bueno,
Dire ora de lo ageno,
Y despues quanto el quisiesse

Descofo de ver tierras
Vue de passar los puertos,
Puseme alas blancas fierras,
Por caminos poco abiertos,
Alla que pastores vi
Quan enseñados,
En cantar versos rimados,
Que plazer que ende senti.

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamos lo a tañer,
Tomo la çampoña en mano.
Toco, boluiola a poner,
Todos, sobre todos yo
Desseando
Que cantasse porfiando,
El buen viejo así canto.

Los

Los manjares de amor son coraçones
 Beue de nuestros ojos, las sus fuentes
 Sabrosas, las muficas y fones,
 Son los suspiros de los innocentes,
 Que cruelmente trata en sus prisiones,
 Todos enagenados de las mentes,
 Celos, cuidados, cuytas, desto os dà,
 Lo que no tiene amor como os dara?

No veis que va desnudo? y que no lleua
 Sino con que haga mal, y bien ninguno?
 Fuego, arco, y las sus flechas cõ que os prueua,
 Con todos los tormentos vno a vno.
 Vos vno a vno os his, dando la nueua
 Que es falso, que es cruel, que es importuno:
 Sin que nada aproueche: hombres perdidos,
 Ya que ojos no teneis, tened oydos.

Y tu que infingimiento es este tuyo?
 Vn niño (ah que verguença nuestra) y ciego
 Huyes si voy ati, sigues quando huyo,
 Vencedor, y vencido, luego y luego,
 Veis que no tiene amor nada de fuyo,
 Nos los tiros le damos, nos el fuego,
 Quereis la su deidad veer tan loada,
 Abrid los ojos bien, no vereis nada.

No os pongan miedo sus espantos vanos,
 No sus triumphos, que todo esuançe,
 Perdelde el miedo, que es cuerpo sin manos,
 A quien en campo ofado le aparece,
 Vn engaño comum de los humanos

Vn como encantamento que enloquece,
Niebla con vn assoplo se leuanta,
Niño que como a si, niños espanta.

Antigua

Cantado q̄ el buen viejo vuo,
Toda aquella nuestra gente
Como personaje estuuu,
Yo tambien por configuete.
El viejo licencia toma,
Yo aduino,
Que era pastor peregrino,
Que iua em romeria a Roma.

Quando tanto alaba: Clara
Blas, que a luchar se desnuda,
La triste de la mi cara
Que frios sudores fuda?
Ora alabas el aluita,
Y dizes del blanco pecho,
Con toda aquella hermosura
Del su cuerpo, alto y derecho.

Mas no es biẽ q̄ esto ansi passe,
Y q̄ de nos solo Anton quede
Riendose, si no cantasse,
De lo que el sabe, y q̄ puede,
Si no que nos quexaremos
Al Mayoral,
Mas la çampoña zagal
Tomado ha, bien lo tenemos.

Quien de tal nunca pensara
(Cruel mi suerte, y sañuda)
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda.

Dizes sus madexas de oro,
El mirar manso y suaue,
Las fuerças como de vn toro,
La ligereza de vna aue.

Anton.

Aueis tan corteses sido
En quanto se os ha rogado,
Vno, y luego otro despues,
Que aunq̄ aya quedar corrido,
Sea antes que descortes.
La mi musica aldeana
Que os dira?
Diga os vn cantar de aca
Destos, de la tierra llana.

Todo esto te es cosa clara,
Busca a tus ojos ayuda,
La vista tan turbia aclara,
Y veras quien dello dubda.

Tambien de los mis cordojos.
De los mis vascos y fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que lo veẽ, hasta los ciegos.

Alexo.

A to la parte pensando,
Verte, miro, y no te veo,
Si no muere este deseo,
Morirme yo deseando,
Iuan pastor.

Segun suenan las palabras,
Yo os digo deste moçacho,
Da le amor (parece) empacho,
Y el no guarda aqui otras ca-
Amor cruel, y no tal (bras,
Como el de falso se nombra,
No lo dexa a sol, ni a sombra,
Haze, (como fuele,) mal.

Alexo.

El mi coraçon mal sano
Fuese me, no se tras quien,
Eslo se buscan tambien
Los ojos tristes en vano.

Anton.

Yo no se que desto crea,
Mas con el mi saber poco,
Nunca por nunca vi loco
Que enamorado no sea.

Alexo.

Aquel gran golpe por medio
Quel mi pecho tierno abriò,
A quantos males me dio
No me dio solo vn remedio.

Turibio.

Cata, cata Iuan pastor
Aotas bien lo entendiste,

Viendolo luego dixiste

Que el su mal era de amor.

Alexo

Por el bosque tan sombrío,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuydo es este mio?

Iuan pastor.

Si ya la vista no se embrusca,
Fuime alçando el sobrecejo
Y este es el hijo quel viejo
Sancho nuestro ha dias busca?

Alexo.

Que la mi alma se vea
En tal aprieto y fatiga?

Pues la ventura enemiga,
Pues amor quiere, así sea.

Anton.

Hablo contigo, o con quien;
Iuan no vees que este zagal
Asi se queixa del mal,
Soncas que parece bien?

Turibio.

Ah nora mala esta sea,
Quié lo puede veer sin duelo?
Que no auia aqui moçuelo
Tan sesudo en toda Aldea.

Iuan pastor.

Moço para dar consejo,
No es cosa de mucha tura,
Mas afsiento haze locura
En la cabeça del viejo.

Pelayo

Pelayo.

Viste que fue pordemas?

Vamos su padre a llamar

Iuan pastor.

Antes *carillo* te ruego *carillo*
 Vamos a buscar vn crego,
 Que lo venga a esconjurar

Pelayo.

No es tiempo de otra respuesta,
 Son que ala fuente te espero.
 Ansi corres companero,
 Como que va sobre apuesta.

Iuan pastor.

Estos aque van corriendo
 Tan a prissa y tal porfia?

Anton.

Corren ala fuente fria
 Yo ardo de sed en la viendo.

Iuan pastor.

Todos nos vamos alla
 Que nunca tuue tal sed,
 Si no la mato sabed
 Que ella amy me matara.

Encantados dizen.

Viste jurar Violante

Anton.

Como quies pastor que cante:
 O rios corred atras,
 Y montes id adelante.

Iuan pastor.

El bosque arde al derredor
 Tira amor tiros apares
 Piedad, ò piedad señor,
 Quando mas crueldad pèsares
 Miembrate que eres Amor.

Pelayo.

Por estos buenos abrigos
 Ay que zagala Clarença,
 Sean los ojos testigos,
 Reyne amor, y biua, y vença,
 Y mueran sus enemigos.

Iuan pastor.

Fuerte ceguedad humana,
 Que nos a todos destruye,
 Vedes que es in cierta y vana,
 Vedes que la vida fuye,
 Andais os doy en mañana?

M 2



ECGLOGA. *II*

Basto representador, de quem se
toma o nome.

Bieito. }
Gil. } — Pastores.

Basto.

Como corre & como atura
Quê vai apos o seu gosto,
Não sente frio ou quentura,
Mas no (senhor) do seu rosto
Busca as vezes ma ventura.
Semguia & sem esconjuro,
Cos medos se desafia,
So vai, afouto, & seguro,
De noite polo escuro
Por montes ermos de dia.

Este apetito que digo
Quem o desse á má maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle que te espreita,
Por dar da uesso contigo.
Rosto ao si, & rosto ao não,
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilão,

Cuida que a tem na mão,
Ella sorrisse entre si.

S. Prões 40.
Onde quer cho demo jaz
Para aver de embicar nelle,
Fui topat cum ma lo baz,
Deime cos meus cães tras elle
Tiue de fadiga assaz.
Eis desaparece, eis que assoma
Desfaziame correndo,
Toma aqui cão, alli toma,
Som caçador fuime em soma.
Assi traspondo & perdendo.

Isto a quem não acontece?
Seja porem na mã hora,
O tempo desaparece,
Estão se rindo os de fora,

A nos não no lo parece.
A correr & a dar à choca
Este defafia mil,
Aquel outro vende & troca,
Outro traz graças na boca,
Doutro chia o Arrabil.

Que cada hum consigo tem,
Damos dellas razoës frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Passa hũ, passa outro aluoroço,
O seu fardel ao pescoço
Por bom parceiro escolhera.

2
Cuida q̃ as namora todas,
Não sey quẽ che p̃or fermoso,
Vaife às festas, vaife as bodas,
Tenho me eu co dadiuoso,
Qu'vnta o carro, andãas rodas
Grandes coufas Cap'emcolo
Conta (se ellas así saõ)
Que me dão volta ao miolo.
Deuem me de ter por tolo
E eu a elle porque não?

Ora elle así pastor sendo,
Seprimeiro estaua mal,
Foi apalpando, foi vendo,
Antre nos che era outro tal,
Tambem se foi delambendo.
Hũa vez lama, outra poõ
Sempre te achas achacado,
Inda deu mais outro voõ
Por melhor ouue andar foõ,
Que así mal acompanhado.

5
Como lontra jaz no rio
Hum, & o seu gado mal passa
Elle pesca, ora co fio,
Ora cana, & ora nassa,
Outro q̃ anda sempre em cio.
Daquell outro a esposa crama,
Ve se deseiosa & noua,
Dando voltas pola eama,
Elle por neve & por lama
Corre cos seus cães á proua.

Era grande amigo seu
Byeyto, & vendo a tal mania,
Configo vn dia la deu,
Tiuerão grande perfia,
Hum rezões deu, outro deu.
Não ha quem se não defenda
A pareceres alheos,
Antes mais quedas q̃ emêda,
Contar vos hey da contenda
Sem meter verbas nos meos.

Vai así ja ha muitos dias
Que nã volue atras ninguem,
Bebemos das bemquerias,

Byeyto.
Que he isto Gil, q̃ andas triste
Des

Despois q̄ entrou este Abril? Muitas vezes esmagino
 Não sei que demo te viste, (Gil amigo , em ti cuidando)
Que tu não pareces Gil, Na tua brandura, & ensino,
 Amigo onde te fumiste? VIII 3 Que fallarias estando
 Vlo aquelle grande amigo, Duas horas cum menino.
 De limpos bofes lauados? Ora olha bem o que fais,
 Daquelle bom tempo antigo. Tinhas tantos de bõs modos
 Que afsi falaua contigo, Cos iguaes, & não iguaes,
 Tu comigo os teus cuidados? Quando estauas bé cos mais,
Das que em ti fallar a todos.

Afsi tão sò te vieste
 Forte burrão foi o teu,
 Tanto damigo esqueceste
 Como aqui tinhas de teu,
 Nem amim não mo disseste.
 Ora dime se te apraz,
 Despois de tanto Sol posto
 Tal inchaço inda em ti jaz?
 Arrenega o mal que traz
 Sempre à memoria maõ rosto.

Tu olhasme de traues
 Parece que a mal o tomas,
 Mas se Gil tu inda este es,
 Não hei medo que me comas,
 Por anojado que estès.
 Posto que por maõ acerto
 Fezeste forte mudança,
 Ia tanto to não referto:
 Mas dehum amigo tão certo
 Deueras ter mais lembrança.

Que se fez do teu cantar;
 Ninguem não cantaua afsi,
 Mas para que he preguntar
 Se não que se fez de ti?
 Onde te iremos buscar?
 Não ha ora hum tanto espaço
 Quando lanebra ca sou,
 Con Gregorio teu colaço
 Quem teue rosto aos do paço?
 Quem tangeo? & qué cantou?

Morreote gado meudo?
 Afsi vai de grao em grao,
 Não se pôde saluar tudo,
 Vem bom tempo apos o maõ,
 Sofre, que sofre o sefudo.
 Arrenega dos assanhos,
 Ipos deuias ter prouados,
 Não são os males tamanhos,

Sê este Março nã foi de Anhos
Outros virão melhorados.

Gil.

Seja amigo meu Byeyto
A ra vinda em ora boa,
Eu digo amigo escolhe ito,
Como quem o leite coa,
Q'ha dir por dêtr' ao seu peito
Mas respondendo ao q' dizes,
Vefine cajado & fardel,
Bem sei que ha muitos juizes,
Nã caçador de perdizes,
E muito poucos sem fel.

Mas em fim, que pesa ou val
(A nos parece que muito)
Diz Turibio, diz Pãlcoal
Palautas vaãs, & sem fruto,
E as vezes inda sem sal.
Quãdo a biberã no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Nã temas q' eu inche, & egorde
Nã aja medo que acorde
Bradando polla triaga.

Ves tu cousa que estè queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece
Tudo tem no cabo a quèda.
E nos a ter mão na conta
Vrrada, sejamos velhos,

Quer meninos, q' mais monta?
O presente todo afronta,
A vida vaife em conselhos.

Do leite & sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Vai brincando polo prado,
Despois eis que priguiçoso
Ora o carro, ora o arado.
Cos dias & eo trabalho
O saltar dantes lhe esquece,
Nã he ja o que era almallo,
Vendase para o talho,
Queste boy velho en fraçce.

Byeyto.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem no mau, se nã vas bem
Peor muito irãas auante,
Torna atraz que te conuem.
Nã o tenhas por amigo
Quem fala sempre à vôtade,
Que dissimula contigo
Lembrete dum dito antigo
Qu' enfada muito a verdade.

Mal vay quẽ sempre empeora
E que meninos pastores
Hum olho ri, & outro chora,
Ven hum diz q' saõ amores
Outro, mas q' he mal de fora.
Hum se torce, outro moteja,
He

FR. DE SAA DE MIRANDA.

He mau jogo este das lingoas,
Ou seja maldade, ou seja
Nossa amiga a triste cuueja
Vemse em tato à praça as min
(goas.

Gil.

Mais que corria da fonte.
Passouseme a sede emfim
Que m'aquella agoa trouuera
E atal deacordo vim,
Que quando tornei em mim,
Bom espaço o Sol correa.

Byeyto.

Come de toda vianda
Não andes esses entejos,
Não sejas tão vindo à banda,
Tente as voltas cos desejos,
Anda por onde o carro anda.
Ves como os mūdōs são feitos
Somos muitos, tu sō es,
Porisso em todos seus geitos
Hū esquerdo antre direitos
Parece que anda ao teues.

Desmond I. p. 141

id. 1819.
Dia de Mayo choueou,

A quantos a agoa alcançou

O miolo reuoluco,

Ouve hum sō que se saluou

Que ao cuberto se a colheo.

Dera vista assi semeadas,

As que tinha mais vezinhas.

Vio armar a storuoadas

A colheffe as bem vedadas

Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe daua

Paparotes no nariz

Mas quem ja se v̄ despontas,
Nem acha o que sohia em si
Começa a tomar se contas,
Ouui ja melhor, & vi,
Suar & passar afrontas.
Ves o tempo como foge
Que parece que não toca
Não queres q̄ homem se anoje
Que me não conheci oje
Na fonte em que pus a boca.

E porque t'eu hora conte
De como me acontecco
Quando m'eu tal vi de frôte,
Dos olhos agoas correo,

Theoria. 63

Reyndat 314

Penic Landina
Barksch
p. 111
Francisco
de Meda
p. 66
514
Quark da Gama

Vinha

Vinha outro que o escornava
 Ahy tambem era o juiz *M. Fr. M. de Mello*
 Que se de riso finaava. *p. 95*
 Bradaua elle, homēs estay,
 Hiãolhe co dedo ao olho,
 Disse então, & aysi che vay?
 Não creio logo em meu pay
 Se me desta agoa não molho.

Apaixonado qual vinha,
 Achou num charco quefarte,
 (O conselho auido o tinha)
 Molhouse de toda parte
 Tomoua como mezinha.
 Quantos virão, la correrão
 Hum que salta, outro q̄ trota
 Quantas graças hi fizerão!
 Logo todos se entenderão,
 Eilos vaõ numa chacota.

Gil.

Tu sabes que eu me abrigàra
 A esta vida de Pastor,
 Viera corrido à vara,
 Cuidei que era esta melhor,
 Que ouuira, & não a prouara.
 Determinauame ja
 Dandar com minhas ouelhas,
 A conta sahiome mã,
Mas tambem ca, como la
Fadas ha, dizem no as velhas,

M. Fr. M. de Mello

Andei dàquem pera alem,
 Vira terras, & lugares,
 Tudo seus aneflos tem,
 O que não espermentares
 Não euides que o sabes bem.
 Eàs vezes quando cuidamos.
 Que esprimétado o ja temos,
 A cabra cega jugamos
 A cheyuos ca fortes amos,
 Querem que os adoremos.

Pera o mal que te acontece
 Buscas o amo, ora o sono,
 Ora al que nunca falece,
 Ao trosquiar, achas dono.
 As pressãs não te conhece.
 Tudo lhes o demo deu,
 Tè razões màs que nos daõ
 Quando te haõ mester es seu,
 Quando os has mester es teu,
 Que não tēs amos então.

Sermão de S. Roque de Padre Mello
vol. IV p. 788
 Esta vez que saem a rua
 Estremece toda a Aldea,
 Elles bebem, homem sua, ||
 Doelhes pouco a dor alhea,
 Querem que nos doa a sua.
 Inda que he o dano em grosso,
 Fora de dis inular
 No mais, mas nisto não posso,
 O entendimêto que he nosso,
 Não

M. Fr. M. de Mello
 Elles bebem, homem sua.

Não no lo querem deixar.

Pollo qual co meu fardel
Fugi das vossas Aldeas,
Nunca fui cresta colmeas,
Nem trago nos beiços mel.
A faudade não se estrece,
Mas cahio me hum coração
Em sorte que muito empeece,
Outro seño não conhece
Somente a boa razaõ.

Faloute como se fudo,
Pareceme ora que o vejo,

Seja, (disse elle,) à boa hora,
Mas eu tambem co meu gado
Faço assi contas cadõra,
Cadhora me acho enganado
Desta esperança trêdora.
Dirtey como me acontece
Quando neste valle estou,
Qualquer outro que apparece
Muito melhor me parece,
Nã he assi quando la vou.

Porem queixome te logo
Que em casos q̄ acontecerão
Vime por ella no fogo,
Bradei, & não me valerão
Brados, queixumes, nem rogo,
Então me sahi meu quedo
A quedo, & fara algum dia
O q̄ outro não fez, & hei medo
De ver mór vingança cedo
Do que ja gora queria.

Pelayo. Bivito

Tornasteme ora a lembrança
Hum teu amigo foão, *H. Ribeiro*
Que ao tempo dessa mudança
Tua, foi te assi a mão,
Como a quem os dados lança
E lembrame ora bem tudo
(Que era eu hi, no tal ensejo)
Inda que então me fiz mudo,

Assi disse aquelle amigo
Agora digo eu, que hei medo
Quando debates contigo
Que testê mostrando ao dedo
Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
Nã queiras irmuyto ao fundo
Inda q̄ ora tanto entendas,
Nesta razão te me fundo,
Nã has de mudar o mundo,
Por mais razões q̄ despendas,

Perigosa he a dianteira,
Deixa ir diãte os mais velhos,
Cõ a paixão tençoeira
Nunca ajas os teus conselhos,
Sempre foi mã conselheira.
De contino anda ao peor

Sem-

Crpo. Ribeiro
... Sa. San. Hof. on. emp.

Sempre adueinhando o mal, +
 Nunca lhe falece dor,
 Mas se tudo igual não fo | +
 Seja o coração igual.

Gil.

Se cos teus olhos não vejo,
 Nem onço cos teus ouvidos
 Por meus sentidos me reço x
 E tu pelosteus sentidos x
 Todo o debate he sobejo.
 Comestubaras da terra,
 Eu não nas posso comer,
 Nem hum nem outro nã erra,
 Para que he sobristo guerra
 Come o que bem te souber.

E não te digo que faças
 Quanto a apetito te vem,
 Não entro tanto nas graças
 Mas entendo o saber bem
 Disto que anda pellas praças.
 Porque o tempo fez abalo,
 E fomos em forte ensejo,
 Inda aleuanto outro valo
 Que nos doentes não falo
 Os quaes mata o seu desejo.

Bem digo que a verdade era
 Ir pelo fio da gente
 Cos mais, mais forças ouuera
 E o amigo & o parente

Que murmurar não teuera.
 Porem a mim so não minto
 Não dobro, não lisongeo
 Som farto, o que era faminto,
 Que mal he o meu destino
 Antes seguir, que o alheo?

Vou fugindo às armadilhas
 Que vi com manha esconder
 Não quero ouuir marauillas
 As vezes muy mas decrer
 Da ma mãy nagem mas filhas
 Querem q̄ homẽ ouça & crea
 E que estè a boca aberta.
 Não posso, & daqui se atea
 As vezes a mã estrea
 Que a cada passo está certa.

Olha se a razão concrude
 Es doente, teu pay não,
 Digo outro tal da virtude
 Pola ventura es tu são
 Porque teu pay tem saude?
 Não que cūpre outra mēzinha
 Olhe cada hum por si
 O bem não he como atinha
Que se apegue tão afinha,
 O mal pode ser que si
 Leme primeiro esta lenda,
 Dexataõte os teus passados

Terras,

Foi secestrallo p. Ant. Prestes p. 219.

Rex Cam. H. 63.

fr. M. de Mello 115

Terras, & vinhas dependa?
 Olha que vão mesturados
 En cargos, coa fazenda.
 Cumpre a cada hum q̄ arribe
 Perfi, se desejas honra
 Não te abasta, donos tiue,
 Que quẽ como elles não viue,
 Tanto mais sua des honra.

Byeyto.

Pois contigo a razão val
 Vejamos quem mais conjúta,
 Olha que todo animal
 Forte, ou fraco, aos seus se ajúta
 Por distinto natural.
 As pombas andão em bandas,
 Voão Grous postos em haz,
 Estas andorinhas brandas,
 Não querem de nos viandas,
 Querem companhia, & paz.
 Como no mundo apontamos,
 Do ventre em terra caimos,
 Como de nosso choramos,
 Doutrẽm, que ajudar pedimos
 Nossos para que prestamos?
 Então ver a fantasia
 Dos nossos leues zagaes,
 Aquem inda mais diria
 Que não hei por companhia,
 Saluante a dos meus iguaes.

Hum bacorote honradiço
 Foy ver ogado ouelham,

Polo todo a seu setuiço
 Trombejava alli hum e hum
 Que espantalo era o seu viço.
 Vem hũ dia o lobo, & a panha
 O bacorote engrifado,
 Abrandoulhe aquella sanha,
 Brada elle em pressa tamanha,
 Cadum de si tem cuidado.

Vinhão os porcos d'Aldea
 Atras, & grunhir ouuirão,
 Hum escuma, outro esbrauea,
 Estes si que lhe acudirão,
 Perde o lobo a sua cea.
 Olhou elle, & vio tremer
 Da laã brãca o gado, & o lhãdo
 De longe se poem a ver,
 Disse, Antes mandado se
 Que a tal perigo tal mando.

Fui hum dia à villa Gil,
 En logo oo sair da casa,
 Mais verde que hum perrexil,
 Cuidei que mataua a brafa
 Degalante, & de gentil.
 Bem passei cos viandantes,
 Mas despois la quando cheas
 Vi as ruas, de galantes
 Seu viera v'fano dantes,
 Não tornei tal as aldeas.

Em quanto hum diz, outro ri
 Bom

Bom vay o do barretinho,
 Nunca o tão figadal vi,
 Chamauãome outros ratinho,
 Hũs aysi, outros aysi,
 Finalmente por acerto
 Vinhãose dos noſſos ja,
 Deixeios chegar ao perto,
 Hi passei como encuberto,
 Mas tarde me a colhem lá.

Gil.

Falame nos animaes
 A que nos brutos chamamos,
 Que guardão leis naturaes,
 Nos outros nã nas guardamos
 A isso obrigados mais.
 Estes homẽs com quem tratão
 Nã homẽs, mas liõs brauos,
 Por força tudo rematão,
 Os liõs nã te resgatão,
 Nã te vendem por escrauos.

Para que mandem nem rejão,
 Nã vão as agoas tingidas
 Do seu sangue, se pelejão,
 Nã alção forças erguidas,
 Onde às aues manjar sejão.
 Nã tem repartida a terra,
 Por marcos tão desiguaes,
 De sangue & fogo, por guerra,
 Hum possue de serra a serra,

Outro nada, ou dous tojae..

Espanto he desigual
 Da lei q̄ entre si tem gralhas,
 Vendo hũa que passa mal
 Decem gritando em batalhas,
 Nã tratão estonces de al.
 Ora te direy aysi,
 Quem diz o q̄ vio nã mente,
 Guarde de cair aqui,
 Que veras passar por ti
 O amigo, & o parente.

Nunca ora ouui hum rifaõ
 Mais sabido, & mais vſado,
 Que darem todos de mão
 Se jaz o carro entornado,
 Os que vem, & os que vão.
 Falo porem geralmente,
 Nã tomes outra sospeita,
 Que he mui sospeitoia a gẽte,
 O meu amigo feruente,
 Nã entra nesta receita.

Muytos dos vaos apalpei,
 Aos trabalhos me despui,
 Desque cuidei, & cuidei,
 Disse comigo, Ora sus,
 Se erros fiz, erros paguei.
 Cuida homem que bẽ escolhe
 As singellas so consigo,

Não sei quem te a vista tolhe
Fujo como quem se acolhe
Donde vê, certo o perigo.

Que me, fação merecer
Muytas destas varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bõs de dar, bõs de voluer.

Andando sô não me empecem
Maos olhos, nê mas palauras,
Nem se apega, se engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Guroas se me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Não me tomo que o cabrito
Me escôda o vezinho, & coma,
Aqui se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

O sol de dia, as estrellas,
De noite, quantas que vemos
Nacem dellas, poemse dellas,
Olhamos mais q̄ entendemos,
E a lûa fermosa entre ellas
Que se renoua & reueza,
Ora hum fio, ora mais chea,
Ora em sua redondeza,
Cada mes (com que certeza)
Semelha à da nossa Aldea.

Que me não ouça ninguém,
Somente as aués (que taes,
Duas auantagãs tem)
Destes outros animaes
Voar, & cantar tambem,
Ou ao som d'agoa que cae
Rompendo pelos penedos,
Deçe ao fundo, ao alto sac,
Ella que a grão pressia vay
Elles para sempre quedos.

Seneca Ep. 16 si ad naturam uires
Do que ao meu gado sobeja
Vou viuendo ano por ano,
Pouco ou muito que elle seja
A ninguém não faço dano,
E não se ha ao pouo enueja.
Parece vida em verdade
Dos mastis, gado, & pastor
Como de comunidade,
Conta a fome & frieldade
Tudo rege, & manda a mor.

Ves tu as minhas cabanas,
Se o vento se muda así,
reuezo eu, Aidas, nê Anas,
Não dão voltas por aqui
Mais leues que ao vêto canas.
Cantando dos seus (solaos)

Dô mais dezia Pascoal
Sabea que he o que nos come
Ma cobiça que não al,
Onde quer se mata a fome,
Matão se appetites mal

Sp. Brag. e Can. 193.
Manual 222
1. Pelica
130 e 60

Polo

AS OBRAS DE

Polo sol & pella neve,
Natureza a grande madre
(Qu' aos filhos tãbê cho deue)
Atudo acudir se atreue,
Por mais q̄ este ventre ladre.

Meugado leuo, esse figo,
Que inda saõ mais embaraços
Do que eu quifera comigo,
Passei por tantos dos laços,
Que olhar somente he perigo.
No meu çamarrão metido,
Que mais quero? fou pastor,
Cã nunca chega apellido
De fogo, nem de arruido,
Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemo
Virão verme os bõs amigos,
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E despois dos mezes mil
Quicais inda dira alguém,
Olhando este meu couil,
Por a qui cantaua Gil
Sem queixia de ninguém.

Quando tudo era fallante
Palcia o Ceruo hũ bõ prado,
Ahi veyo o cauallo andante,
Quis comer algum bocado,

Pos selhe o Ceruo diante,
Outra razão lhe não deu
(Que erão pacigos geraes,
Saluo posso, & quero o meu,
Este Meu, & este Teu
Tanto haja quenos fez taes.

Vendo tão pouca prestança,
O cauallo dantes forro,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro,
Por terra aos seus pees silança
Não pode à justa querella
Deixar de se por no meyo,
Mas foi necessaria a sella,
Fesse o homem forte nella,
Toma a redca, proua o freo

Assi dão volta ao imigo,
O Ceruo quando tal vio:
Homem ao caualo amigo
Deixoulhe o campo & fugio,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde & corre o seco,
Fora, fora, o contendor,
Ficoulhe porem seõor,
Não foi tanto o outro enxeco

Quem ha tal medo a pobreza,
Tal a fome e frialdade,
Que por ouro & por riqueza

Jabal
Phaedrus
IV
Equus et asper
Metop 115

J. Horaz
Phaedrus
IV 4. Equus et asper
Epist. I, 10, 34 ff.

Phaedrus
2, 20, b
D. 2

Da a sô rica liberdade,
E mais outré que a si preza.
Selhe ves herdades largas,
Não lhe ajas enueja á troca.

Torce ca & torce la,
De fende teus pareceres,
Mas onde hi não ha molheres
Vida, nem gosto não ha.

não se acha o que falta.

A quella graciosa idade
Que, òs olhos viltos nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta
Não he de todo vaidade.
Suspiraste, ora eu te entendo
E vernoshemos despois
Por ora a Deos te encomêdo.

Gil.

Naõ te quero estar detendo
Byeyto. (bois.
Voume (q̄ he tarde) aos meus
Basto.

Contouse isto polla Aldea
De pastores, em pastores,
Logo foi a terra chea,
Então quaes eraõ melhores.
Mas reuolto o Calendario
Visto tudo, & contas feitas,
Fica assentado hum summario
Gil pot homem voluntario
Homem Byeyto ás direitas.

N

Celia.

Mas tu olhas o Sol que anda,
A migo que he tarde, folga ora
Deixemos esta demanda,
Mal auinda pera outra hora
A cea fora mais branda.
Com dous peixinhos passaras
Do rio não d' Almocreues
Que as villas fazem tão caras,
Beberas das fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

Byeyto.

Voluesme as cousas de enueces
Ques por força que te crea
O que tu quiças não cres,
Sabe que alma he ja na Aldea
La me haõ de lauar os pees.
E tu dize o que quiseres



Conon Narr. 42 conservarao essa fabula imitada
depois por *André, Horacio, Miranda* *Exoptaine* e outros
e de Steicoro.



ECGLOGA III CELIA

Ao Iffante Dom Luis.



Erenissimo Iffante, a quien se deve
 Fuego d'Esmirna, o Mantua, a quien el mio
 Quando mas arde es vna fria nieue
 Del siempre elado Boote, y del tardio:
 Mas gran Señor en partes dòn no llueue
 La niebla se desca, y el rocio,
 Y no se puede continuamente estar
 En armas, y atalaya, y pelear.

Las Musas, quando Vuestra Alteza andaua
 Alas altas empresas, de si dinas
 Que juntamente tremia, y sudaua
 Africa toda, en veer las altas quinas
 De su Real guipon, quando assomaua,
 Vistes las a sus fuentes mas vezinas,
 Entonadas mejor, y mas de veras,
 Oy llas eis aca, como estrangeras.

Por ora callarícha Tunes entrado
 A fuerça d'armas, y dende escondido
 Qual va huyendo el Tyrano apretado
 De las fuerças mayores constreñido,
 De Hercules vn ladron Caco a famoso
 Por honra auer deuiera ser vencido

En humo

cf. Valah. Prole
Camos IV 26 ff

By quem
Johannes
Jui Homes
Virgil
Los Nubres de Jor
Cam. IV
32. 33

Homer
Virgil

Agamippe
Helikon
Hadalia
Paon

Carilase

iron

Barlet

En humo se emboluiá, y fuegos vanos
Fiauale en huyr, mas que en las manos.

*Osomo.
Carle Da
de la
de ha
rakes e
otra
da pade
Tunes*

Al sancto Rey Luis con tanta gente
Cruzada, y Carlo quarto denegosse
(De Francia entramos) lo q ora al presente
A vos en nuestra gloria referuosc,
L'antiga y gran Carthago juntamente
De los daños passados recordose:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo venir á si dos Scipiones.

1270 + no

*Quando Carlos
quinto e dom Luis
saquerom Tunes,
de Berberia
Septendria
Barbaroxe com
100 de pe e 25000
de cavallo
no q todos
destruido.*

Ah los juizios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah pecados,
Que en vuestra sangre ensuzia es las manos
A tamaño sabor de arrenegados,
Auiáfos I E S V Christo hecho hermanos,
Deshaziuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexaqs la ciudad santa a los canes?

Quando sera aquel dia que a la vuestra
Armada mano se rinda la fortuna?
Que algo de embidia atáta gloria muestra?
Quando sera que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertido dessa diestra?
Yo que lo cante al Sol, cante ala luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Deseos quanto amy mucho atreuidos

Finalmente (Señor) puesta a de parte
Por vn poco la espada, el verdadero

Homer

*Tale de D. D. e. Guada
Alegria: Uranda, Hup
Bomarda
Lago: Jante
Lago: Camara*

Y alto juicio buelua a questa parte
Donde entra por la mar, turbado el Duero,
Y donde con gran fe, mas com poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neiua tambien corre a la mar.

*Porto
Foy*

Pastores da Egloga.

Aurelio.
Mauricio
Amaro.

*Muñica de b...
Cam. IX 18
M. vien
in vaniver*

Aurel. Que quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
Vuiar de perros, como ala porfia?
No se que se han, cierto es q algun gran mal.
Aves nocturnas buelan dentre dia,
Lobos tan brauos de su natural,
Vienése ala Aldea de la serrania,
No vees el mal gusano, y que pesares
Se ha hecho de las huertas, y pomares?

*Bern. Eg. XV
ad. aut. Com. 2*

Vna mula ha parido en nuestra Aldea,
Y las vacas no paren, ayer cayo
Del cielo vn breue, y no ay quien lo lea,
Son frayle, o crego que ya missa cantò,
Con dos cabeças (cosa estraña y fea)
Vn poldro con seis pies (diz) que nascio,
Como gallos cantaron las gallinas,
No vinieron ogaño-golondrinas.

*1530
Rex Mus
p. 378
Andrade
42*

Vemo muertos caerse los borregos,
Caen las madres d'otra parte muertas,
Los ojos que tal veen paranse ciegos,
De todo son las causas encubiertas.

*Miscell.
p. 378*

Buelua

*Ferreira
ed. Castella
En Lugo
Enton se vio
E vimos mula
parida
etc*

FR. DE SAA DE MIRANDA.

Buelan de noche por los ayres fuegos

Que carreras atras dexan abiertas,

Cosas que nunca vimos, ni pensamos,
Dios nos guarde de mal los nuestros amos.

Ca dizen que ferio por la cabana
Del buen Alonso vn rayo, (aquel pastor)

Que apacienta lo mas de la montaña

Ah no nos tenga el cielo tal rancor,

No parece sino que Dios se ensaña,

Amor en nos no veè, prueua el temor,

No vees quantas de vezes se estremece

La tierra, antes tan firme, ora enflaquece:

Aquel noble zagal que aqui cercano

Con tanta nuestra esperança crecio

Quando el la boz diuina con la mano

Tambien diuina, tañendo acordò,

Luego a bozes lo dixo vn viejo cano,

(Ah de lo por venir quanto que vio)

Quan presto te arrepientes cruel hado,

En dando vn grande don, de auelle dado.

Mauricio.

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera

Auello visto, lleuofelo el palacio

Crecia en todo a ojo, quanto fuera

Mejor, y mas seguro, irse despacio.

Cuentan milagros del des que alla fuera,

Mas a tal prissa cierto està el cansacio,

Sea de cuerpo, spiritu, o de ventura,

A cansar presto va quien se apressura.

Mas boluiendo a no sotros (pastor bueno)

No

Quando

Donat
Petrus
Marky
p 367
e 370

1523
1531
Gil Vicente

Francisco

Muse

#2

8
lan

de grande
378
mitad

cf. Friscoes
p. 13.
famoso de

Eno Janeiro de
ano
Logo seguinte
Espalhosos vime
Termineto an Port
que se nan 110 cul
tal.

Jarriase
aut. Dom Luis
de la Golede

Primer
zui
Ajo.

off.

Primer

Ajo.

Primer

Quando

Mauricio

Quando aquí veo tantas de señales,
 Quando de maldad tanta el mundo lleno,
 Alla los viejos van, y los zagales,
 Estoy confuso, mal duermo y mal ceno,
 Temiendo a nuestras culpas desiguales,
 Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda,
 Que himos siempre acorreruelta la rienda.

Mauricio,

Agora Aurello entiendo que tu sólo
 Eres el que aún no sabe el grande daño,
 Deste nuestro concejo, que asololo
 Como por tierra vn caso duro y extraño:
 A quel bien fuyo, la muerte lleuolo,
 Quien péso ver tã presto vn mal ramaño?
 Nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
 Tan dino de infinito sentimiento.

Aurello,

Asi que es muerta Celia? y pudo muerte
 Hazer, (aunque cruel) tal crueldad?
 Como? y todo vasse así por fuerza?
 Sin orden, sin razon, sin igualdad?
 Tan presto tanta gloria se conuierte
 En nada? estado, fuerza, y fresca edad?
 Triste de my, de vida ya Celia es fuerza?
 Quien oyte tal, tambien, q̄ no se muera?
 Dexemos la beldad (que ella tenia
 Por cosa vana) (como cierto es vana)
 De que a las otras tal cuidado veyá,
 Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana:
 Que para nos, no para si biuia,
 Como la muerte fue tanto villana?
 Cortò la tela ante tiempo sañuda,
 Dexa tanta de gente aca desnuda?

Mauricio

Mauricio.
 D'Amato y que sera? solo dexado
 Por raro exemplo d'vna triste vida?
 Como por muestra, y como por dechado
 A nos sera ella corta, a el complida.
 Quan presto tanto bien se ha trastornado?
 Ay bienes falsos, ay vana y fingida
 Muestra, que ala deshora buelue en daño
 Vanos ansi engañando d'año en año.

Aurelio.

Pues aun no sabes bien lo que passe
 (Digo con el combate desigual)
 Era el dolor deuido, pero fue
 El impeto primero irracional,
 No de hombre, aun que barbaro, y sin fe,
 Sin alma, y sin razon, todo bestial;
 Quiso boluerse a si como enemigo,
 Son que lidiar cumpliote antes conmigo.

Quantas vezes que el alma vi cuitada
 Partirse tras la santa suia della,
 Dexando el cuerpo alli como vn nonada,
 Solo tendido como que iua a vella,
 Dende a buen rato, toda trabajada
 Boluer de nueuo, alli quanta querella?
 Y que gritos tan altos, tan sintino
 Vnos tras otros daua de continuo!

Cruel Celia (decia,) ansi me dexas?
 Quien te me hizo cruel? no me responde,
 Señal que ya no las oye estas mis quejas:
 Tan lexos la llevaron? triste a donde
 Te me han Celia lleuado? ansi te alexas

AS OBRAS DE
Sin mas piedad de my? quiẽ te me escõde?
Quien fuyendose va, (dezidme) ah quien,
Fuyendo se me va con tanto bien?

Luego boluia, veis que piadosa,
Veis como siempre blanda, y nunca esquiua,
Me buelue a veer? mas como tan cuidosa,
Dexadme alla salir, a veer si esbiua,
O si me engaña esta alma desleosa,
Que es esto ado se fue; mudada que iua?
Y quanto (ò triste) toda d'otramente
De la Celia que yo vi primeramente?

Quantos de desuorios? que sin cuento
De desconciertos dixo? y que de antojos?
Y de fantasmas vey a en vn momento?
Tieffos, y siempre enxutos los sus ojos,
Dezian que del mucho sentimiento:
Todo y en todo dado al dolor malo,
Vn continuo furor sin interualo.

Aurelio:

O Celia quantas lagrimas deuidas
Y quantas te cran, si lagrimas nos diessen
Remedio alguno, de mas a las vidas:
Y de otra parte si auidas no fuesen
De los mas sabios, por mal entendidas,
Y aun por flaqueza si gelo creyessen,
No digo mas de si, ni mas de nõ,
Soncas causas ternà quien nos las dio.

A quel dolor que va turbando dentro
El cuerpo todo con los sus sentidos,

Y passz

Y passa al coraçon, que es el su centro,
 Lagrimas d'allamanda, y los gemidos,
 Que abrè caminos a aquel duro encuétro,
 Sino que es fuerça siendo detenidos,
 Que alla encerrado el fuego, y las centellas
 Ardan las casas, y el señor con ellas.

Por tanto amigo ruegote (acordadas
 Nuestras samponas) (que aqui las tenemos)
 Mientras que van buscando las manadas
 Algo que coman, nos Celia cantemos,
 Que despues cantaran muchas vegadas,
 Pastores de que nada ora sabemos,
 Cantaran a la sombra deffos pinos,
 D'alto responderan montes vezinos.

Mauricio.

Que podria yo Aurelio hazer por ti
 Que mas de grado hiziesse? aunque estoy tal
 Del llorar mucho, y poco que dormi,
 De mi parte no se: mas tal o qual
 Cumplase todo por amor de ti,
 Que auenturo contigo en bien ni en mal?
 Pero començare sin mas escusas
 Con buena ayuda della, y de las Musas.

Canta.

Esta forriendo Celia de la ciega
 Nuestra vista mortal a tanto en ferma,
 Semejante à aquel juego que se juega
 D'ojos cubiertos, que tan mal atermas,
 Ella vèe todo, y juntamente ruega
 Por la su gente, y dize que no duerma,
 De continuo amonesta, que e spequeño,

101
A LAS OBRAS DE
Es vn no nada el plazo, es grande el sueño.

Bien vee que los plazeres, los enojos
Nuestros son vanos, pienso cierto, o creo
Que a menudo hazia aca buelua sus ojos,
Donde dexò de si tanto deseo,
Y donde aquellos sus altos despojos
Del cuerpo, donde sus joyas y arreo,
Los hijos (como en vida ella dezia)
Y donde la fiel su compañía.

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman aca, tanto mas fruto,
Enchiendo el ayre de tanta querella
Messandonos, cubriendonos deluto,
Sabiendo, si llegassemos a vella
Que luego todo se veria enxuto,
Buscaesme alla tan baxo (dize) errays
Do buscarme deueis, no me buscais.

e /
Mi bien, o que plânis? no la turbeis
Amigos la mi paz, sola esta es vida,
Muertâ essa que por vida alla teneis
Vn punto, vn no se que, la mas cumplida,
En vanos pensamientos no os fieis,
Ay quan cedo que alla todo se oluida
De muerte en muerte andaes, no veis quan
Vna la vida mata, oluido el resto. (presto

Quanto tiempo fereis niños chiquitos
De los que andan burlando a su plazer?
Tiñese vno la cara, eis alçan gritos

De miedo,

De miedo, y van corriendo al mas correr,
Lauase el gesto, bueluen los loquitos.
Ryendo hasta de rifa se caer,
De las rugas burlaes, blanco el cabello,
Burlaes, miedo al morir, q̄ es como aquello.

Lo que de mi preciaes, es ipoda tierra,
Que ya nada siente, es lo que siempre fue
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Is vos tras lo que veis, no tras la feè,
Qual de vos otros sus sueños afferra?
Y foñaes toda via no se que,
Deseos vanamente assi estimados,
Que matah deseando, y ya alcançados.

Estès por siempre buena Celia en gloria,
Alla, y en fama qual dexaste aqui,
Deuiose tal corona a tal victoria
Del nemigo, del mundo, y de ti,
Tales contrarios que en nuestra memoria
No se veneido quien los aya assi,
Derechamente corriste ala palma,
Dexaste el cuerpo atras, auante el alma.

Aurelio.

O buen Mauricio y con que medecina
Vngiste la mi llaga, honda, cruel,
Y con tan dulce breuage, y tan diuina,
Que me diste por medida, y por niuel,
A quel mal, muerto que me viera ayna
Tu me lastiaste de las manos del,
Hirierame el do lo que aya mal grado
Ayas lo bueno tu, que me has fanado.

Alalanta
A. Ovid.

cf. Th I 144 - 146

Agoran

Agora pues tal es, amigo escucha
Prouare la çampona, si ha tambien
Cobrado aliento, traz l'angustia mucha,
Que a reuezes se van el mal y el bien,
Cayendo y leuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van y vien,
Ora la buena Celia se leuante
Para que della taña, y della cante.

ll
ll

Canta:
Alçose deste baxo Celia a buelo
Dexo la tierra, que della era indina,
Passo nuues, passo de cielo a cielo,
Matò la sed en la fuente diuina,
Cessen los llantos, cesse el desconuelo,
Que ella nos llama a fiestas, y encamina
No se oygan mas aqui, saluo cantares,
Dezidme los a cientos, y a millares.

Oyanme todos que la Celia nuestra
Es hecha de mortal que era, immortal,
Quien no lo vee a quien no lo de muestra
Claramente tal vida y muerte tal
Quan diferentes fiestas que ya le muestra
Su guia (a toda parte) angelical
Bolued todos porende en vuestras mēguas
A Celia el coraçon, bolued las lenguas.

Alcay
ca. 11
1. 1. 1.

O buena, ò santa Celia, estos extremos
Que viste y vees d'alla de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales,
Quanto sudamos, quanto q'hecho auemos

Todo

Todo fue por demas, a tantos males,
De Dios algun remedio nos alcança
A los tuyos (oy mas) cierta esperança.

Demuestranos d'ella Celia aquel santo
Amor, que de los tuyos te encendia
Que amaste tanto, y te amaron tanto,
En ti el su mal, en ti el su bien se vey a
Y con que angustia el mal, el bien con quanto
Zelo de caridad? con que alegria?
Como en la casa veese al grande espejo
El que entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

A quien yran con fiuza en los clamores?
En las sus rogatiuas y demandas
Son qu, a ti buena Celia tus pastores
Y las zagalas partidas en bandas?
Ellas cantando dellos sus loores,
Ellos callados texendo guiraldas,
Ellos, y ellas todos tus deuotos
Comiença a acostumbrate a nuestros votos.

Ergued aqui conmigo vn memorial
Que a cierto tiempo vengán por los años
El buen viejo anciano, y buen zagal
Y juntamente vernan con sus rebaños
Que de mala cagion guardes, y mal
De malos ojos que hazen tantos daños.
Vernan honestas, y buenas Zagalas
Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

Que es esto? o si me engaña el gran desseo

O Cierro

O cierto que las agoas deseadas
 Caeran presto, que señales veo,
 Las garças van bolando en alto alçadas,
 Mueuese la floresta a lo que oteo,
 Muestra la Luna manchas assombradas,
 Vanse los altos de niebla cubriendo,
 El Sol embuelto en nuues escondiendo.

Mauricio.

Como quien atrauiesia vn monte erguido
 Sin sombras, y sin agoa en las calores
 De Iulio y Agosto, vn mes, y otro cumplido,
 Y quando son en toda parte ardores
 A tanto mal, cansacio aun añadido,
 Falta el aliento, crecen los sudores:
 En fin por vna peña agoa que caya
 Se buelue luego a vida el que desmaya.

Tanto tus dulces versos me pluguieron,
 Y tanto tuuon de fuerça y poder,
 Que otro me han fecho, como se perdieron
 Entre nos el cantar, como el tañer?
 Que tanta fama a los pastores dieron?
 Mas dizenme que vienen a correr
 Ciertos pastores del estremadura,
 Que deste ayre hecharon la niebla escura?

Aurelio.

Oyes? o quiçano, Mauricio hermano
 A quel por cierto s'es el triste Amaro,
 Que con la muerte va peleando en vano,
 Passado del dolor de claro, en claro,
 Hanlo como metido a sacomano,
 Amor y muerte fecho exemplo raro

*Arco de las
 velhas de
 mil cores
 p. 44. no. 2*

*Arco da velha
 Lenda 35. 6
 gall.*

Arco da velha

*Pedroso
 IV p. 6
 No. 42*

*Arco de la
 Veya Ley
 no. 101
 Fray Gelas
 Pondo*

De la fortuna, y de sus embaraços,
Con el brauo dolor, anda a los braços.

Amaro.

A que parte se es ida esta alma mia?
Quien me la enseñara? o que hago aqui?
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Entramas se juntaron contra mi,
Dexanme ciego, dexanme sin guia,
Pareccos este Amor? dexarme ansi?
Nunca han quefido conmigo lleuarme,
Nunca tornarme a veer, ni a consolarme?

Como vna llama por el monte ardiendo
Que presto en alto buela, y no aparece,
Sale de vista assi, viendo, y no viendo,
El humo solo turbio remanece,
Ora tal claridad resplandeciendo
Agora agora como se escurece
Ansi tan presto? triste ado me ire?
Sin ti, y alla sin ti que me vere?

Cuitado, y los lugares do te veyas
Y donde me eras cadora presente,
Y todo aquello que en tu compañia
Me era vida y salud, son me otramente
Son ansias, soledad, y cuita mia,
Huyendo se va el coraçon doliente
Dexadme ir abuscallo, y si no viene
Tenga tambien amy quien me lo tiene.

Mauricio,

Sintionos compañero, y no ha pa rado
Como pararia, y a dò, quien de si fuye?

son - unfl ash?